A coleção
«TEMAS DE ESPIRITUALIDADE»
oferece um exame profundo dos problemas religiosos de hoje;
apresenta doutrina espiritual segura, rica de experiência religiosa vivida;
propõe o autêntico sentido cristão da vida de cada dia.
COLEÇÃO TEMAS DE ESPIRITUALIDADE
C. SPICQ, o.p.
caridade e liberdade no nôvo testamento
edições paulinas

C. SPICQ, O.P.

CARIDADE E LIBERDADE

SEGUNDO O NÔVO TESTAMENTO

EDIÇÕES PAULINAS

Tradução portuguêsa de Maria de Lourdes Allan, do original francês *Charité et liberté selon le Nouveau Testament*, publicado por *Les Éditions Alsatia*, Paris, 17, Rua Cassette.

PODE-SE IMPRIMIR
São Paulo, 15 de janeiro de 1966
Pe. Dr. João Roatta, S.S.P.
Censor

IMPRIMA-SE
São Paulo, 29 de janeiro de 1966
† D. José Lafayette Alvares
Vigário Geral

São Paulo, 1966

PREFÁCIO

Êstes dois temas da caridade e liberdade não foram reunidos sòmente em função de sua importância na moral cristã, mas em razão de sua conexão intrínseca.

O dom por excelência de Cristo à humanidade resgatada é a própria Pessoa do Espírito Santo, fonte imediata da graça, princípio imanente da inspiração de todo filho de Deus em cada um de seus pensamentos e de suas ações.

Ora, o Espírito Santo infunde ou derrama em nossos corações o amor próprio a Deus: a caridade, como uma fonte alimenta as águas de um rio (Rom 5,5) *e é êste amor que constitui o cristão filho de Deus* (Mt 5,45). *Mas o pobre pecador elevado a essa condição divina deve adotar costumes de acôrdo com sua nova dignidade: tornar-se o imitador de Deus como um filho bem amado* (Ef 5,1). *Êle não saberia chegar a isso por*

si mesmo, tanto mais que a graça o atingiu quando estava num estado de submissão a satanás, ao mundo, ao pecado, às suas próprias paixões, até mesmo a seus atavismos.

A vida cristã apresentar-se-á para o fiel como uma conquista progressiva da liberdade, uma liberação destas inclinações e destas coações inatas que o impedem de mover-se com liberdade e alegria no mundo divino onde êle é introduzido. Trata-se menos de romper liames, de se purificar, que de se espiritualizar; e isto quer dizer que esta liberação em profundidade não pode partir senão da própria Pessoa do Espírito Santo que o engendrou filho de Deus nas águas batismais.

O mesmo Espírito que comunicou ao regenerado a natureza divina e lhe deu o dom de amar como Deus ama, é também aquêle que educa êste filho, forma-o até à idade adulta e permite-lhe viver como ser livre: liberdade" (2Cor 3,17).
"Onde está o Espírito do Senhor, aí está a

O cristão perfeito é o filho de Deus que ama seu Pai celeste de todo seu coração, tôda sua alma, tôdas as suas fôrças, isto é, com tôda a espontaneidade e sem entraves.

O AMOR DE CARIDADE NO NÔVO TESTAMENTO

PRELIMINARES

Desde o comêço de seu ministério no Sermão da Montanha, Jesus, estabelecendo as regras do reino dos céus, prescreveu: "Amai os vossos inimigos" (Mt 5,44). Esta ordem é de tal maneira contrária aos costumes e às reações instintivas do coração humano, que convida a precisar de que amor se trata. Dever-se-á amar o inimigo da mesma maneira que um amigo e as manifestações desta afeição serão idênticas num e noutro caso?

De fato, ao declinar de sua vida, o Senhor dirigindo-se a seus apóstolos, no Cenáculo onde êle acaba de instituir a Eucaristia, faz da caridade o sinal característico de sua Igreja: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns para com os outros" (Jo 13,35).

Evidencia-se assim que a caridade não é um amor como os outros, mas uma afeição própria aos filhos de Deus e que permite

distinguir no mundo os autênticos discípulos de Jesus Cristo. Eis a razão pela qual um nome especial foi reservado a esta forma de amor: caridade, (em latim "caritas"; em grego "ἀγάπη"), bem diferente do amor profano, da ternura familiar, de uma paixão humana e mesmo da amizade pròpriamente dita.

Quando os apóstolos divulgaram os ensinamentos de seu Mestre, proferidos em aramaico, tiveram que traduzir êste têrmo "caridade" em grego, língua habitualmente falada em todo o mundo mediterrâneo no primeiro século. Se êles escolheram, entre muitos outros, o têrmo "agápe" para exprimir o amor sobrenatural que o Espírito Santo infunde no coração dos cristãos, é que êsse vocábulo era o mais adequado a exprimir um amor divino e seus aspectos mais variados.

Mesmo em plano profano o "agápe" continha uma extrema riqueza de significado. É mesmo um amor o que assinala a asserção do Mestre: os pecadores têm amor por aquêles que os amam (Lc 6,32); mas êste têrmo — e aquêles da mesma raiz — empregavam-se em grego clássico para a recepção calorosa que se reserva a um hóspede e foi assim que Gaio (3Jo 6) concedeu aos missionários cristãos a mais delicada hospitalidade.

Êsses têrmos diversos referem-se muitas vêzes ao contentamento e à satisfação que se experimenta pela conduta do próximo ou por circunstâncias favoráveis, e ver-se-á os fariseus muito felizes por receberem honrarias (Lc 11,43). Há sobretudo respeito, por vêzes veneração, em todo o amor sobrenatural; assim a pecadora (Lc 7,42), exprimindo sua adoração pelo Salvador; e quando os judeus de Cafarnaum louvam a atitude tão generosa do centurião romano a respeito de sua comunidade, pois que êle reconstruiu sua sinagoga, êles entendem evidencial a "estima" dêste oficial pagão em face da religião de Israel (Lc 7,5). Daí as diferenças entre "escolha" e "predileção", como Demas preferindo retomar sua liberdade (2Tim 4,10), depois de "fidelidade" e "obediência" especialmente no serviço de Deus (Lc 11,42), enfim e sobretudo o reconhecimento pelos benefícios recebidos. Jesus propôs a Simão, o Fariseu, esta pequena parábola: "Um credor tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos dinheiros, o outro cinqüenta. Não tendo êles com que pagar, perdoou a ambos a dívida. Qual dêles, pois, mais o amará? Simão respondeu: Creio que aquêle a quem perdoou mais" (Lc 7,41-43). Amar é aqui sinônimo de ser grato, e esta será precisamente a ma-

neira de amar dos filhos de Deus para com seu Pai que está nos céus [1].

Em todos êsses têrmos é sempre o verbo "amar" que é empregado e vê-se bem que não se pode confundir êste amor com qualquer outro muito mais particularizado e limitado. Mas é evidente que aplicado às realidades sobrenaturais e inserido na economia da Nova Aliança, o "agápe" vai enriquecer-se de uma densidade nova; e não é exagêro dizer que um dos objetos essenciais da revelação trazida pelo Cristo foi ensinar aos homens o que é a verdadeira caridade, aquela que Deus possui por natureza, a que êle comunica aos fiéis, a que êles se manifestam uns aos outros e que os une a seu Pai dos céus ou a seu Salvador. Desde então torna-se urgente para todo filho de Deus saber em que consiste êste amor que lhe é prescrito

[1] Tem-se discutido muito nestes últimos anos as relações entre "eros" e "agápe". Sendo a caridade puro dom e liberalidade, alguns desejariam que "agápe" fôsse reservado estritamente para Deus, não podendo ter os homens senão um amor de desejos (eros) em relação a seu Criador. Mas isso é esquecer que a caridade é uma noção analógica. Se é verdade que "agápe" em Deus é plenitude transbordante e a iniciativa de todos os benefícios (1Jo 4, 7-8), desde que essa plenitude é participada pelo homem, é aclamação desta generosidade primordial e reconhecimento. Êle prova, aliás, sua autenticidade tomando a iniciativa da afeição nas relações fraternas (3,16-24). Então o cristão ama exatamente como Deus ama.

como regra de vida e único penhor de sua felicidade eterna. Para êle, como para os primeiros discípulos de Jesus, o primeiro objeto de sua fé é crer no amor divino: "Reconhecemos a caridade que Deus tem por nós e cremos nela: Deus é caridade. Quem permanece na caridade, permanece em Deus, e Deus nêle" (1Jo 4,16).

I

A CARIDADE É UM AMOR

Por mais original e sobrenatural que seja o "agápe", deve-se acentuar fortemente que é um amor no verdadeiro sentido da palavra, isto é, uma complacência naquêle que se ama. É o que revela o primeiro testemunho dêste amor na literatura neotestamentária: às margens do Jordão, quando no batismo de Jesus, o Pai celeste declara seu amor por seu Filho e explica: "No qual pus minhas complacências" [1]. Semelhantemente, quando S. Pedro exortar os cristãos à caridade fraterna, determinará: "Do íntimo do coração amai-vos, pois, intensamente, uns aos outros" [2]. Se os maridos devem amar suas mulheres, como a si mesmos e como Cristo amou a

[1] Mt 3,17, cf. 12,18;17,5; Mc 12,6. O Filho de Deus, objeto adequado à caridade divina é designado como o Amado por excelência (Ef 1,6; cf. "O Filho de seu amor", Col 1,13. Os cristãos serão igualmente o objeto do amor do Pai (1Tes 1,4; 2Tes 2,13; Col 3,12; Jud 1) especialmente o alegre doador (2Cor 9,7).

[2] 1Pdr 1,22: a posição enfática da menção: "do íntimo do coração" assinala a nuança afetiva, aliás sensível dêste amor (cf. o ósculo da caridade: 5,14). S. Paulo observa que a caridade só pode brotar de um coração puro (1Tim 1,5).

Igreja[3], é que o "agápe" sobrenatural assume tôdas as nuanças do mais terno e mais espontâneo amor humano.

Trata-se, pois, de uma profunda união, de uma adesão de todo o ser — como sugere o emprêgo do verbo "kollasthai" que originou no francês o têrmo "coller"[4], juntar — de um vínculo[5], de um arrebatamento, ou de um abraço, tal a caridade do Cristo que nos envolve e nos estreita (2Cor 5,14) em uma união recíproca ou comunhão[6], de tal maneira que um nôvo tipo de relações é instaurado entre Deus e os seus: não sòmente aquêle faz viver êstes, mas entra em sociedade com êles e estará presente entre êles[7]. Perder a caridade seria separar-se e afastar-se do Cristo à maneira dos esposos que desfazem sua

[3] Ef 5,25,28,33; cf. 2Cor 11,11: "Que eu não vos amo? Ah! Deus o sabe!" 2,4;12,15. Cf. Col 4,14: "Lucas, o médico muito amado; 1Tim 1,2: "Timóteo, o amado filho".

[4] Cf. Rom 12,9: "Aborrecei o mal, aderi ao bem". 1Cor 6,17: "Quem se une ao Senhor faz um só espírito com êle"; Mt 19,5: "O homem se unirá à sua mulher e os dois tornar-se-ão uma só carne"; Ef 5,31: "Amar em verdade" (2Jo 1; 3Jo 1) pode ser traduzido: amar profundamente.

[5] Col 3,14; o contrário é a tibieza (Apc 2,4).

[6] "Koinomia", Rom 12,13; 1Cor 1,9; 2Cor 13,13; Flp 2,1; 1Jo 1,3: "O que vimos e ouvimos vô-lo anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco e para que a nossa comunhão seja com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo".

[7] 2Cor 13,11: "O Deus da caridade... estará convosco".

união[8]. Finalmente segundo S. João: ter "agápe" é fazer morada naquele que se ama (Jo 17,23-26) quer o discípulo esteja em permanente união com o Cristo, como o sarmento na videira (15,9-10), quer o Cristo e seu Pai venham morar nêle, como hóspedes em uma casa (14,23, cf. 1Jo 4,12); o amor é ao mesmo tempo o vínculo e o meio da comunhão: permanecer no "agápe" é permanecer em Deus (1Jo 4,16).

Esta afeição é totalmente benévola para os outros, segundo o adágio clássico: "Amar é querer o bem daquele que se ama". O místico S. João não hesitará em formular votos de felicidade humana a seu discípulo Gaio: "Caríssimo, desejo que prosperes em tudo e tenhas saúde" (3Jo 2); e é segundo a mesma doutrina que S. Paulo observará: se nossa conduta "contrista" nosso próximo, é que ela não é inspirada pela caridade[9]. Do mesmo modo ninguém pode amar se não tem um

[8] Rom 8,35: "Quem nos separará do amor de Cristo?" v. 39: "Nada nos poderá separar do amor que Deus tem por nós no Cristo Jesus nosso Senhor". Comparar Mt 19,6: "O que Deus uniu, o homem não separe" com 1Cor 7,10: "Que a mulher não se separe de seu marido". — Não amar mais é detestar: Rom 9,13; Hebr 1,9; 1Jo 4,20: "Se alguém diz: eu amo a Deus, mas odiar seu irmão, é um mentiroso. Aquêle que não ama seu irmão, a quem vê, como pode amar a Deus a quem não vê?"

[9] Rom 14,15; cf. Lc 6,31: "O que quereis que vos façam os homens, fazei-o vós também a êles".

bom coração ou, como disse de maneira excelente S. Lucas; "um coração nobre e generoso" (Lc 8,15); isto é, cheio de benignidade e humildade [10], inclinado à misericórdia — tal como o bom Samaritano (Lc 10,33-37) — é capaz de uma terna compaixão (6,36; cf. Rom 9,15).

Se é preciso saber, com efeito, alegrar-se com os que estão alegres, é preciso também chorar com os que choram (Rom 12,15). O que ama é terno (12,10) e êle sente profundamente tudo o que atinge seu irmão. Não apenas êle é extremamente sensível ao espetáculo da miséria [11], mas sua compaixão é tão intensa quanto doce (Tg 5,11); poder-se-ia dizer: maternal. Em verdade ama seu próximo pelo qual sente a mais viva inclinação [12],

[10] 1Cor 4,21;13,4; Gál 5,22-23;6,1; 2Cor 6,6; Col 3, 12-14: "Revesti-vos, pois, como escolhidos de Deus, santos e amados, de sentimentos de misericórdia, de benignidade, de humildade, de mansidão, de paciência, suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos mùtuamente, se algum tem razão de queixa contra o outro. Assim como o Senhor perdoou a vós, também vos perdoai recìprocamente. Sobretudo, porém, tende caridade que é o vínculo da perfeição".

[11] Ef 4,32; Pdr 3,8: "Vivei todos de perfeito acôrdo em união de sentimentos no amor fraterno, cheio de compreensão e humildade". Cf. Flp 2,1.

[12] 2Cor 9,14: "Pela prece que êles dirigem em vosso favor, êles se enchem de ternura por vós por causa da graça supereminente de Deus derramada sôbre vós"; Flp 1,8: "Deus me é testemunha

como S. Paulo dando-nos êste testemunho: cheio de doçura e gentileza para com os tessalonicenses, êle envolvia-os de ternura e cuidados, como uma mãe que cuida de seus filhos (1Tes 2,7; cf. Ef 5,29).

Esta última comparação é suficiente para evocar as múltiplas nuanças da delicadeza, do encanto, da afabilidade e de tato que encerra o "agápe". Radicalmente inimigo do egoísmo, ignorando tudo quanto é de seu próprio interêsse, o que ama não procura seu próprio proveito, mas o que é proveitoso para os outros. "Tudo é permitido, mas nem tudo é construtivo. Que ninguém procure seu próprio interêsse, mas o dos outros" (1Cor 10,24; cf. Flp 2,4).

De uma polidez rara, nunca deixa de observar as conveniências, não se permitindo nenhum procedimento incorreto, não se deixando levar nem pela tôla e pretenciosa vaidade que humilha o próximo, nem pela cólera e animosidade.

Não é que ignore os defeitos ou os êrros daquêles que ama, mas em vez de divulgá-los, silencia-os, e suporta com paciência [13], longa-

de que modo vos amo a todos com a ternura de Jesus Cristo"; 2,26;4,1: "Meus muito amados e desejados irmãos, minha alegria e minha coroa".

[13] S. Paulo, tendo dado como a primeira característica da caridade que "ela é paciente" (1Cor 13,4;

nimidade e amenidade, êste próximo exasperante [14]. Mais ainda, encoraja-o, persuade-o, tranqüiliza-o sem violência [15], e sempre se esforça para fazer reinar a concórdia e a paz [16].

Assim agindo, tem certeza de amar como Deus ama. Sendo êle o "Deus da caridade e da paz" (2Cor 13,11), seus filhos caracterizar-se-ão não só como pacíficos, mas também como pacificadores [17].

Gál 5,22): "O fruto do Espírito é a paciência"; a primeira das versões latinas (Vitus Itala) traduziu: "ela é magnânima". É claro, com efeito, que uma paciência também desinteressada, comportando êste supremo domínio de si, sem dureza, e triunfando tão bem da adversidade quanto dos maus procedimentos do próximo, é uma bela magnanimidade.

[14] Ef 4,2: "Levai uma vida digna da vocação a qual fôstes chamados, com tôda a humildade, mansidão e paciência, suportando-vos mùtuamente por caridade, solícitos em conservar a unidade do espírito pelo vínculo da paz". Gál 4,2: "Levai os fardos uns dos outros: desta maneira cumprireis a lei de Cristo".

[15] Flp 2,1: A persuasão no amor"; 2Tes 2,16.

[16] Rom 12,18: "Se é possível, tanto quanto depende de vós tende paz com todos". Flm 7: "De fato tive grande alegria e consolação pela tua caridade, porquanto muitos santos foram reconfortados por ti". Caridade e paz são correlacionadas (2Tim 2,22; Jud 2) como frutos do Espírito Santo na alma regenerada (Gál 5,22).

[17] Mt 5,9: "Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus"; Rom 14,17-19: "O reino de Deus não é comida, nem bebida, mas justiça, paz, gôzo no Espírito Santo. Quem dêste modo serve a Cristo, agrada a Deus e é aprovado pelos homens. Sigamos pois as coisas que contribuem para a paz e para a edificação mútua".

Como todo amor verdadeiro a "agápe" une doçura à fôrça. A espôsa do Cântico dos Cânticos, comparando a caridade a um exército em ordem de batalha, chamava-a "forte como a morte" (Cânt 2,4;8,6-7). O Nôvo Testamento considera-a como um fogo (Mt 24,12), e daí compara seu progresso com os diversos graus de temperatura [18]. Em vez de ser negligente como entorpecido de frio, o cristão é ardente de fervor [19], e esforça-se para chegar ao "paroxismo da caridade" [20]. Esta fôrça quase incoercível e que se manifestará no zêlo mais generoso, S. Pedro qualifica-a com uma expressão de intensidade e vivacidade, empregada aliás a propósito de uma amizade solícita e generosa: "Amai-vos uns aos outros intensamente" (1Pdr 1,22;4,8). A caridade é como um fogo ardente que não pode e nem se deve conter.

[18] Cristo declara à Igreja de Laodicéia: "Conheço as tuas obras, sei que não és nem frio nem quente. Oxalá fôras frio ou quente. Mas porque és morno, nem frio, nem quente, vou vomitar-te da minha bôca" (Apc 3,15-16; cf. 2,4).

[19] Cf. Rom 12,11: "Na solicitude não sejais preguiçosos, sêde fervorosos de espírito, servindo ao Senhor".

[20] Em grego profano o paroxismo marca o ponto mais alto de uma febre.

II

AS CARACTERÍSTICAS DA AUTÊNTICA CARIDADE

Os traços precedentemente evocados poderiam servir a qualquer grande paixão humana e é bom saber que um filho de Deus amará seu Pai que está nos céus e seus irmãos da terra no sentido verdadeiro da palavra amar, o que S. João chamará: "por obras e em verdade" (1Jo 3,18). Mas se o "agápe" é um maravilhoso amor, e especìficamente cristão, indissolùvelmente ligado à virtude da fé [1] e isto quer dizer que é preciso cuidado com as eventuais contrafações. Os apóstolos sabem que o coração mais ardente não é necessàriamente o mais puro, que o devotamento mais heróico não é sempre o mais sobrenatural [2] e êles caracterizam a caridade dos fiéis por êste sinal: uma autêntica caridade [3]. Que quer dizer?

[1] Cf. Ef 6,23: "Paz aos irmãos e caridade com fé da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo".
[2] Cf. Cor 13,3: "E ainda que distribuísse todos os meus bens para o sustento dos pobres, e entregasse meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, de nada me aproveitaria".
[3] Rom 12,9: "O amor seja sem fingimento"; 2Cor 6,6: "Em tôdas as coisas nos mostramos como ministros de Deus... com a caridade não fingida"; 8,8:

a) Sem dificuldade, o "agápe" distingue-se das afeições comuns ou do amor de concupiscência pelo seu sentido de "respeito" e culto da beleza[4]: é um amor de nobreza. Logo após ter prescrito aos romanos um "amor sem fingimentos", S. Paulo comenta: "Aborrecei o mal, aderi ao bem" (Rom 12,9), e continua no mesmo sentido: "Adiantando-vos em honrar uns aos outros". S. Pedro será ainda mais enérgico: "Honrai a todos, amai os irmãos, temei a Deus, respeitai os reis" (1Pdr 2,17).

Já no grego profano e na tradução do Antigo Testamento feita pelos LXX, sabia-se que o verbo "amar" significava: "ter respeito, dar grande importância, manifestar consideração"[5]; seu contrário é menos "odiar" que "desprezar e menosprezar"[6] e até "submeter a vexame", sendo êste gênero de ofensa uma variação do desprêzo[7]. Do mesmo modo quando o Senhor prescreve o amor aos nossos inimigos, não nos pode ordenar que tenhamos para com êles a espécie de amor que nos une aos que nos amam; tôda a reciprocidade de afeição característica da amizade pròpriamente dita, está, aliás, excluída no caso; preceitua, porém, primeiro e acima de tudo respeitar nossos adversários[8]. É igualmente neste sentido que os fiéis deverão considerar os presidentes de suas assembléias "tende com êles uma caridade particular"[9].

Freqüentes vêzes é dada importância maior à veneração que ao amor. S. Jerônimo já observava que, numa súplica ou numa

"Para experimentar com solicitude dos outros a sinceridade de vossa caridade", 1Pdr 1,22: "Purificando vossas almas na obediência à verdade para vos amardes como irmãos".

[4] Um manuscrito do livro do Eclesiástico, composto pelo ano 180 antes da nossa era, celebra a sabedoria como "Mãe do belo amor — "Mater pulchrae dilectionis".

[5] É ainda a acepção de "agápe" em 2Tes 2,10, onde S. Paulo verbera os ímpios que não quiseram receber "o amor da verdade" que Deus propõe a todos, isto é, "a estima e o culto da verdade, sob qualquer forma que ela se apresente, mas que a fé identificará com a religião de Jesus Cristo".

[6] Por exemplo, nas sentenças de Mt 6,24: "Ninguém pode servir a dois senhores: porque ou há de odiar um e amar o outro, ou há de afeiçoar-se a um e desprezar o outro"; 1Tim 6,1-2: "Todos os escravos que estão sob o jugo considerem a seus senhores dignos de tôda a honra para que o nome do Senhor e sua doutrina não sejam blasfemados. Os que têm senhores fiéis, não os desprezem porque são irmãos, antes os sirvam melhor pelo fato de serem fiéis e amados (agapétoi)".

[7] Sab 11,25: "Tu amas tudo que existe e não aborreces nada do que fizeste"; cf. Lc 6,27-28: "Amai os vossos inimigos... orai pelos que vos caluniam".

[8] Mt 5,44,47. Saber reconhecer as qualidades de um adversário "A caridade aplaude a verdade" e o bem onde êles estejam (1Cor 13,6). Conservar a estima pelo inimigo que é digno dela, inclinar-se diante de tôda grandeza real, nos fôsse ela oprimente, é o primeiro sinal da "agápe" autêntica.

[9] 1Tes 5,13. A figura hiperbólica prova que se trata de respeito mais que de amor.

apóstrofe epistolar, o adjetivo "amado" (agapétos) não significa um extremo amor, "bem amado"[10], mas "caro reverendo".

É um título de honra, uma designação religiosa dos cristãos, e significa que a fraternidade que os une não é de modo algum uma camaradagem[11]; êle conserva a delicadeza e a reverência que os religiosos dirigem aos sêres santos, animados por uma mesma graça, "irmãos em Cristo".

Aliás, o Deus do Antigo Testamento que tratava suas criaturas com grande respeito (Sab 12,18), honra seus filhos no Nôvo, predestinando-os à glória (1Cor 2,7; Rom 8,18,21); e quando Cristo se sacrifica por amor pela Igreja, é para que ela seja "gloriosa", sem mancha nem ruga[12]. A seu exemplo, os que têm caridade revelam-se pela pureza de intenção, pela nobreza dos motivos que inspiram sua conduta[13]; esta é sempre assinalada

[10] "Agapétos, dilectus est, non dilectissimus" (S. Jerônimo, *Epístola* LVII, 12).

[11] É assim que o Concílio de Jerusalém recomenda acolher bem seus delegados, "nossos muito amados Paulo e Barnabé" (At 15,25, cf. Tg 1,16,19;2,5; 1Tes 2,8; 2Pdr 3,15 etc.). O filho único e querido entre todos (Mc 12,6; Lc 20,13) é o filho digno de ser respeitado.

[12] Ef 5,27; Hebr 2,10. O acesso do povo cristão ao reino é atribuído à "agápe" do Cristo pelo Apc 1,5. Se Nosso Senhor ama o jovem rico, é que êle admira sua fidelidade aos preceitos e lhe manifesta sua estima (Mc 10,21).

[13] Na igreja de Roma os bons cristãos pregam a

pelo sêlo da honestidade[14], de tal maneira que a "agápe", excluindo tôda a vilania, está bem próxima da altivez e da limpidez: o apóstolo da caridade foi o homem mais altivo que houve e que velava zelosamente por sua honra[15].

b) Cheia de delicadeza e de um sentido moral muito apurado, a caridade será reconhecida por todo benefício recebido e procurará traduzi-lo por uma gratidão adequada[16]. É evidente. Mas o Nôvo Testamento insiste sobretudo sôbre seu desinterêsse, a ponto de opor aos pecadores que amam só

Cristo por caridade, outros por baixa intriga (Flp 1,16). Se o Apóstolo não hesita em se mostrar exigente ou severo, é porque se dirige a "filhos caríssimos", isto é, cristãos que êle respeita (1Cor 4,14). É a conduta própria de Deus que "corrige aquêle que ama" (Hebr 12,6 = Prov 3,11).

[14] Rom 12,17: "Não torneis mal por mal a ninguém, procurai fazer o bem diante de todos os homens"; 2Cor 8,21: "Verdadeiramente procuramos fazer o bem não só diante de Deus, mas também diante dos homens"; Hebr 10,24: "E sejamos solícitos uns para com os outros para nos estimularmos à caridade e às boas obras". "Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem" (Rom 12,21).

[15] 2Cor 8,21. Semelhantemente S. João, verberará duramente o cristão, cuja caridade não é autêntica, como um mentiroso (1Jo 1,20); êle se desonra.

[16] Lc 7,42; 1Jo 4,19: "Nós, portanto, amemos a Deus, porque êle nos amou primeiro". Até Deus é reconhecido pelo amor que se tem a seu Filho e ao qual êste se mostra tão sensível: "Aquêle que me ama será amado por meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a êle" (Jo 14,21).

quem os ama, os filhos de Deus que amam e dão sem esperar recompensa (Lc 6,32.34).

Esquecido dos maus procedimentos de que foi vítima — visto que a "agápe" não guarda ressentimento (1Cor 13,5) — o que tem caridade persiste em seu amor e continua a devotar-se, ainda que devesse êle ser menos amado em paga (2Cor 12,15). O grande princípio é o de 1Cor 13,5: "A caridade não busca seus próprios interêsses", comentado por Rom 15,1-3: "Nós que somos mais fortes devemos suportar as fraquezas dos débeis e não nos comprazer em nós mesmos. Cada um de nós procure agradar a seu próximo no que é bom para a edificação. Porque Cristo nenhuma atenção teve a si mesmo". S. Paulo, que imitava êste exemplo, poderia por sua vez propor-se como modêlo: "Como também em tudo procuro agradar a todos, não buscando o meu proveito pessoal, mas o do maior número, para que sejam salvos" (1Cor 10,33).

Segue-se que na vida comum os que amam a caridade saberão passar por cima de seus gostos e de suas concepções demasiadamente pessoais, para melhor ajustar-se à mentalidade e à psicologia de seus irmãos (cf. Rom 12,16). Não há união profunda sem certa harmonia de pensamentos, de sentimentos, da maneira de viver e de sentir. Se a caridade é um amor verdadeiro, ela será poderosa na

identificação e na imitação e não poderá deixar de inclinar-se à concórdia perfeita entre os membros de uma mesma comunidade! "Idem nolle et velle!" É assim que o cristão se ajustará de qualquer maneira à alma de seu próximo, adaptar-se-á a seu comportamento, estará de acôrdo com êle, procurará compreendê-lo e adotará de certo modo o mesmo estilo de vida [17].

c) A "agápe" caracteriza-se por sua estabilidade e sua duração. Por um lado, com efeito, é a garantia da esperança: se esta última é inconfundível, é porque a caridade de Deus lhe fornece um fundamento imutável (Rom 5,5;8,28 s.).

Eis por que a caridade que constrói, sòlidamente (Ef 4,16), opõe-se normalmente ao vento da gnose (1Cor 8,1), ou a êstes carismas — bronze e címbalos — que apenas produzem sons (1Cor 13,15). Ela é como uma funda-

[17] Rom 15,5: "O Deus da paciência e da consolação vos conceda ter uns para com os outros os mesmos sentimentos segundo Jesus Cristo, para que unânimes, a uma bôca, glorifiqueis a Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". 2Cor 13,11: "Tende o mesmo sentir, vivei em paz e o Deus da caridade e da paz será convosco". Flp 2,2: "Tendo todos o mesmo pensar, a mesma caridade, uma só alma, o mesmo sentimento; 4,2: "Rogo a Evódia e suplico a Sintique que tenham os mesmos sentimentos no Senhor"; 1Pdr 3,8: "Sêde todos de um mesmo coração, compassivos, amantes dos irmãos".

ção ou uma raiz profunda de que depende a estabilidade, a fôrça de tôda a estrutura da vida cristã [18].

Por outro lado e sobretudo, a "agápe" é por si um amor indefectível (cf. Jer 31,3). Diferente dos outros amôres, êle é feito para durar eternamente. Isso já poderíamos concluir pela designação dada aos cristãos na expressão "irmãos amados de Deus" [19], depois da exigência de se unir imutàvelmente, definitivamente ao Senhor, sem possibilidade de voltar atrás, como um escravo a seu senhor [20]; e ainda a fôrça, a "posse" dêste amor que mata o velho homem (2Cor 5,14)... Mas S. Paulo ensina explìcitamente: "A caridade nunca há de acabar" [21], não terá fim. É a

[18] Ef 3,17: "De sorte que estejais arraigados e fundados na caridade". 1Tes 3,12-13: "Que o Senhor vos faça crescer e abundar na caridade... que vossos corações, livres de culpa, sejam confirmados na santidade... por ocasião da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os seus santos. 1Jo 2,10: "Quem ama seu irmão permanece na luz e nêle não há ocasião de queda".

[19] "Egupémenoi" (1Tes 1,4); 2Tes 2,13; cf. Sab 3,9; Jo 10,27-30: "Minhas ovelhas ouvem minha voz; eu as conheço e elas me seguem. Dou-lhes a vida eterna; elas jamais hão de perecer e ninguém as arrebatará de minha mão. Meu Pai que mas deu, é maior que tôdas as coisas; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai".

[20] Mt 6,24: "amar" é paralelo à "afeiçoar-se"; verbo de duração e fidelidade que implica permanência na adesão.

[21] 1Cor 13,8; cf. Jo 13,1: "Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo".

única realidade da terra que permanecerá, tal como é, no outro mundo.

Essa perenidade, que é a sua excelência suprema (1Cor 13,13) sugere a natureza muito espiritual dêste amor: "Caridade que o Espírito vos inspira" (Col 1,8). Não há como o "pneuma" que seja incorruptível (Sab 13,1), inacessível às provas do tempo e à morte. Daí a conclusão da Epístola aos Efésios: "A graça seja com todos os que amam nosso Senhor Jesus Cristo de um modo inalterável" (6,24).

d) Tôdas estas observações, por características que sejam, são entretanto secundárias em relação ao "caráter dinâmico e manifesto da "agápe". Entre todos os outros amôres, a caridade distingue-se nisso: que ela se declara, age e se demonstra [22]. Não pode ficar oculta no coração. É preciso — é sua natureza mesmo — que se revele [23] e se exprima da maneira mais expressiva.

"Mas Deus manifesta sua caridade para conosco" (Rom 5,8). Tôda a realização da salvação do mundo é o desdobramento da caridade divina: "pela extrema caridade com

[22] A caridade não faz mal ao próximo (Rom 13, 10). Amar é agir, realizar (Gál 5,6).

[23] Jo 14,21: "E eu o amarei e me manifestarei a êle". 14,31: "É preciso que o mundo saiba que eu amo o Pai".

que nos amou". O envio de seu Filho e a a crucificação são uma evidência do amor de Deus pelos homens: "Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco"[24]. É uma epifania[25]. Por conseqüência os cristãos são convidados a provar, êles também, a autenticidade do amor que têm no coração (2Cor 8,8), a exibi-lo e fazer sua demonstração em face das igrejas[26]; é por isso que êles próprios reconhecerão a realidade de sua caridade; ou melhor: "Por isso reconhecemos que somos da verdade e tranqüilizaremos os nossos corações diante de Deus..." (1Jo 3,19).

Êstes textos indicam que se trata antes de atos que de palavras. Cada vez que o Nôvo Testamento emprega a palavra "agápe", é

[24] 1Jo 4,9, cf. 2Tim 1,9-10: "Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco em que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo para que por êle tenhamos a vida".

[25] Tt 2,11: "A graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens, manifestou-se"; "quando se manifesta a bondade de Deus, nosso Salvador, e seu amor pelos homens... salvou-nos" (3,4).

[26] 2Cor 8,24: "Nêles, pois, mostrai em face das Igrejas, a prova da vossa caridade e por que nos gloriamos de vós"; Col 1,8: "O qual também nos informou da caridade que o Espírito vos inspira". Hebr 6,10: "Deus não é injusto para que se esqueça de vossa obra e da caridade que mostrastes em seu nome, vós que servistes aos santos e ainda os servis". 3Jo 6: "Êles deram testemunho de tua caridade diante da Igreja". Cf. as "obras" do Apc 2,19 e sobretudo a "caridade que tendes para com todos os santos" (1Tes 1,4).

preciso traduzir: "manifestação de amor" e subentender: "da maneira mais eficaz". Por exemplo: amar seus inimigos, não é experimentar a seu respeito um amor sensível, mas prestar-lhes bons serviços (Mt 5,43-48). A pecadora anônima de Lc 7,44-48, que ungiu os pés de Jesus e enxugou-os com seus cabelos "demonstrou muito amor", tal como o bom samaritano que socorreu o ferido (Lc 10,30-37). Os maridos não se contentarão em amar suas mulheres; deverão manifestar-lhes êste amor (Col 3,9; Ef 5,25-33). Se a nova lei cumpre-se plenamente em um único preceito, é sob a condição que traduza efetivamente sua caridade para com o próximo (Gál 5,14).

Quando se trata do amor de Deus, a caridade torna-se pràticamente sinônimo de observar os mandamentos ou de guardar a palavra do Senhor: "Se me amais, observareis meus mandamentos" (Jo 14,15); "Aquêle que retém meus mandamentos e os guarda, êsse é o que me ama" (14,21); "Se alguém me ama, guardará minha palavra... O que não me ama não guardará minhas palavras" (14, 23-24); "Se observardes os meus preceitos, permanecereis no meu amor, como eu observei os preceitos de meu Pai e permaneço no seu amor" (15,10). "Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, se amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos; efetiva-

mente, o amor de Deus consiste em guardarmos os seus mandamentos"[27].

Da mesma maneira que, por conseguinte, tôda a orientação divina, inspirada pela "agápe", faz concorrer tôda a ordem do mundo para o bem dos eleitos (Rom 8,28), os filhos de Deus provarão a autenticidade de sua caridade desdobrando-a em boas e belas obras, mantendo-a sempre ativa e generosa[28].

Amar é constantemente sinônimo de agir com belas ações[29], boas obras (1Tim 6,18), fazer o bem[30] e bem entendido "dar": "Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes" (Mt 5,42); "Deus

[27] 1Jo 5,2-3; cf. 2Jo 6: "O amor de Deus consiste em guardarmos seus mandamentos". S. João é fiel à teologia do Antigo Testamento que define a caridade em primeiro lugar pela fidelidade: "Eu, Javé... uso de misericórdia até mil com aquêles que me amam e guardam meus preceitos" (Êx 20,6; Dt 5,10; 7,8-9). "Ama, pois, o Senhor teu Deus e guarda em todo o tempo os seus preceitos, as suas leis, as suas ordenações, os seus mandamentos" (Dt 11,1; cf. 19,9). "O amor é a observância de suas leis" (Sab 6,19) etc. 24,4,13.

[28] Se o serviço imediato ao próximo não é visível, a prece é a "obra" mais eficaz; cf. Mt 5,44: "Amai os vossos inimigos... orai pelos que vos perseguem"; Rom 15,30: "Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pela caridade do Espírito Santo, que me ajudeis nas minhas lutas com vossas orações por mim a Deus".

[29] Lc 6,27; Flp 4,14; Tg 2,8; 3Jo 6: "Farás bem em prover suas viagens de um modo digno de Deus".

[30] Lc 6,9.33.35; 3Jo 11: "Quem faz o bem é de Deus; quem faz o mal não viu a Deus".

e Pai nosso, o qual nos amou e nos deu..." (2Tes 2,16).

Compreende-se que caridade é plenitude e "plenitude transbordante"[31], ávida de se devotar, e servir totalmente[32], de sacrificar-se. Por mais delicada que seja sob certos aspectos, é primeiro e acima de tudo o amor mais forte e mais generoso que exista. Seria irrisório encará-lo simplesmente como benevolente e pronto a prestar bons serviços. Ela não conhece limites em suas afeições e[33] seus dons[34].

Ela não parece satisfeita enquanto não se expressa no sacrifício da própria vida; ao menos aí está sua medida adequada, a "demonstração" que lhe é própria (Rom 5,8), sua revelação indubitável[35]: "Não há maior

[31] Cf. a união caridade-abundância (1Tes 3,12; 2Cor 8,7; Flp 1,9); acrescer (2Tes 1,3), superabundar (1Tim 1,14), crescer (Ef 4,15-16), encher (Jud 2).

[32] A caridade une àquele que se ama como o escravo é ligado a seu senhor (Mt 6,24); "servi-vos uns aos outros pela caridade" (Gál 5,13); é o que realizaram os "hebreus" a respeito de seus irmãos (Hebr 6,10).

[33] Rom 13,8: "A ninguém devais coisa alguma a não ser o amor mútuo".

[34] 2Cor 12,15: "E eu de mui boa vontade darei o que é meu e eu mesmo me darei a mim pelas vossas almas".

[35] 1Jo 4,9: "Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco, que enviou seu Filho unigênito ao mundo para que por êle tenhamos a vida..."

amor que dar a vida pelos seus amigos"[36].

Poder-se-ia dizer que a caridade é por si mesma "heróica", como sugerem os exemplos que o Senhor propõe no sermão da montanha (amar seus inimigos, dar sua túnica àquele que pedia apenas o manto, pagar o mal com o bem, não resistir ao mau) e o testemunho dos mártires: "desprezaram sua vida até morrer" (Apc 12,11). Do mesmo modo S. João confessa ter conhecido o que é a "agápe" por ter o Cristo dado sua vida por nós, e considerando como um todo: "Igualmente devemos também dar a vida pelos nossos irmãos" (1Jo 3,16). O Mestre não tinha dito a seus discípulos que amassem seus irmãos como êle mesmo os amou? (Jo 15,12). Desde o Calvário, que é a epifania da caridade de Deus e do Cristo, há um laço indissolúvel entre "amar", dar[37] e dar-se ou sacrificar-se[38]; ao menos neste sentido que a imolação de si é a única prova da autenticidade do amor. À Igreja de Filadélfia, o Senhor ressuscitado, lembrando sua Paixão, invocará êste testemunho decisivo: "E reconheçam que te amei" (Apc 3,9).

[36] Jo 15,13. O que o Evangelista comenta: "Êle lhes manifesta seu amor até ao máximo".

[37] Jo 3,16: "Porque Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu seu Filho unigênito". Gál 1,4: "Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nossos pecados". 1Tim 2,6: "O qual se deu a si mesmo para redenção de todos". Tt 2,14; 1Jo 3,1: "Considerai que amor nos mostrou o Pai!"

[38] Rom 8,32: "O que não poupou nem o próprio Filho, mas por nós todos o entregou à morte, como não nos dará também com êle tôdas as coisas?" Gál 2,20: "Vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim". Ef 5,2: "Cristo que nos amou e se entregou a si mesmo por nós a Deus". 5,25: "Como Cristo amou a Igreja e por ela se entregou". Apc 1,5: "Aquêle que nos ama e nos livrou dos nossos pecados pelo seu sangue". 1Jo 4,10: "A caridade consiste nisso: em não têrmos sido nós que amamos a Deus, mas em ter sido êle que nos amou e enviou seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados".

III

A CARIDADE, AMOR DIVINO E INFUSO

Torna-se, por conseguinte, evidente que a "agápe" não é um amor humano. Sòmente Deus pode amar com tal plenitude, tal imensidade de dom[1]. Assim como, depois de ter aprendido no Evangelho a insigne bondade do Pai que está nos céus, S. Paulo designou Deus como o "Pai de misericórdia e o Deus de tôda a consolação" (2Cor 1,3) e depois "o Deus da caridade" (13,11); e S. João, indo mais além, poderá definir a "agápe" do Pai (1Jo 2,15), dizendo também que "Deus é caridade" (1Jo 4,8,16).

Por conseqüência, se um homem pode amar com autêntica caridade, será com a condição de ter recebido participação dêste amor pròpriamente divino: "A caridade vem de Deus" (1Jo 4,7), e é ao Espírito Santo, agente de comunicação dos dons de Deus e de Cristo, que será atribuída esta infusão da caridade na alma dos cristãos: O fruto do Espírito é caridade"[2]; "A caridade de Deus

[1] 1Jo 4,11: "Se Deus nos amou assim..." cf. 3,1.
[2] Rom 15,30: "Rogo-vos, pois irmãos... e pela caridade do Espírito Santo"; Col 1,8; 2Tim 1,7: "Deus

está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rom 5,5).

Não sòmente o dom inicial do amor é de origem celeste (2Tes 2,10); mas todos os acréscimos desta caridade não podem ser obtidos senão pela graça divina e tal é o objeto fundamental da prece cristã: "O Senhor nos faça crescer e abundar na caridade" (1Tes 3,12). "E o que lhe peço é que a vossa caridade cresça mais e mais" (Flp 1,9). "O Senhor, pois, dirija vossos corações no amor de Deus" (2Tes 3,5). O que evoca o Dt 30,6: "O Senhor teu Deus circuncidará teu coração e o coração de tua descendência para que ames o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de tôda a tua alma" [3]. Como não se saberia possuir esta plenitude, a lei da natureza da "agápe" cristã será a uma maior participação dêste amor divino; amar cada vez mais (2Tes 1,3; Ef 4,15-16) até à consumação de 1Cor 13,10-13; isto é, a caridade perfeita, caracterizada por uma fidelidade que ama a vontade divina (1Jo 2,5), um amor sincero e generoso para com o próximo (1Jo 4,12) uma confiante, ousada e alegre firmeza em tôdas as relações com o Pai dos céus (4,17-18).

com efeito, não nos deu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de caridade, de temperança"; 1Jo 3; 24;4,13.

[3] O coração circunciso é o único que pode ser sensível à influência divina.

Estas afirmações categóricas e multiplicadas são o comentário apostólico autorizado sôbre o sermão da montanha onde o Mestre afirmava: "Amai... e sereis filhos do Altíssimo" (Lc 6,35; cf. Mt 5,45-48). Poder-se-ia compreender esta filiação no sentido amplo: manifestando amor ao seu próximo, o discípulo de Jesus reproduz a conduta e os costumes de Deus, possui os mesmos sentimentos e pode por isso ser considerado como seu filho. Mas S. Paulo e S. João declaram que não se trata de uma imitação moral, mas de uma filiação real. Se os fiéis divinamente gerados devem e podem amar seus irmãos, é na medida que são filhos de Deus, possuindo a mesma natureza e a mesma vida que seu Pai, as quais exprimem-se conseqüentemente pelos mesmos pensamentos e pelo mesmo amor: "Nisto distinguem-se os filhos de Deus dos filhos do demônio... Todo o que tem ódio a seu irmão é um homicida, vós sabeis que a vida eterna não tem morada em nenhum homicida". "Sabemos que fomos transladados da morte para a vida porque amamos nossos irmãos. Aquêle que não ama permanece na morte" (3,14).

Em verdade é o Filho encarnado, o bem amado de Deus, que permitiu-nos ser gerados por seu Pai (Jo 1,12), e nos revelou o amor. Seus discípulos, tornados filhos de Deus, de-

verão aprender de seu Irmão mais velho que é amar. O Filho por natureza é o modêlo imediato dos filhos adotivos: "Tal é êle, tais somos nós nesse mundo" (1Jo 4,17). "Sêde, pois, imitadores de Deus como filhos muito amados e andais no amor a exemplo de Cristo que nos amou e se entregou a si mesmo por nós" (Ef 5,1-2; cf. 5,25-33).

Em outros têrmos, a "agápe" não é sòmente amor infuso, é uma afeição filial, o critério do autêntico filho de Deus [4].

[4] Segundo S. João, "aquêle que ama" é uma designação do cristão, equivalente à "aquêle que foi gerado por Deus" (1Jo 4,6;5,18). É porque a maneira mais perfeita de amor ao próximo é a caridade fraterna a "philadelphia" que une todos os filhos de Deus (1Tes 4,9; Rom 12,10; Hebr 13,1). Segundo 1Pdr 1,22-23, o nascimento à vida da graça, a santificação batismal impõe a prática do amor ao próximo: o gerado está apto a amar divinamente.

IV

CARIDADE E VIDA CRISTÃ

Estamos aqui no âmago do cristianismo e na fonte da moral cristã; é o que se diz: "estar na caridade" (Ef 1,4); "andai no amor" (5,2; 2Jo 6). Se Deus é amor e se os cristãos são seus filhos, suas relações definir-se-ão pela caridade. Os fiéis são chamados, por sua vez, "aquêles que Deus ama" [1] e "aquêles que amam a Deus" [2]. Não se pode mencionar a profissão de fé dos convertidos que obedeceram à verdade e a professam, sem acrescentar: "na caridade" (Ef 4,15); o que é para ser compreendido no sentido mais vigoroso que haja. Tôda a vida religiosa dos cristãos, sua moral, o único preceito que lhes será imposto resumir-se-á no amor [3].

[1] 1Tes 1,4: "Irmãos amados de Deus"; 2Tes 2,13; Rom 8,37: "Aquêle que nos amou"; Col 3,12: "Vós, pois, como escolhidos de Deus, santos e amados"; Jud 1.

[2] Tg 1,12;2,5; 1Cor 2,9; Rom 8,28; 1Jo 4,20. Opor "agápe" a "eros", como amor descendo de Deus ao homem e ascendendo do homem a Deus, não tem sentido no Nôvo Testamento.

[3] A vida cristã essencial define-se pelas virtudes teologais (1Tes 1,3); algumas vêzes pela fé sòmente, sob o ponto de vista que ela implica esperança e caridade, algumas vêzes pela caridade ùnicamente, indis-

Dirigindo-se a seus discípulos[4], bem diferentes dos pagãos por suas concepções e sua maneira de viver (Mt 5,43-48), Jesus lhes tinha prescrito o amor a todos os homens como Deus os ama, a fim de ser perfeitos como o Pai celeste é perfeito[5].

Já no fim de seu ministério, retomando e unindo os preceitos do Dt 6,5 e Lev 19,18, êle precisa: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma, de todo o teu espírito". Êste é o maior e primeiro mandamento. O segundo é semelhante a êste: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo". É sôbre êstes dois mandamentos que repousa tôda a lei e também os profetas (Mt 22,37-40).

Trata-se de um amor de adoração e de posse exclusiva (Mt 6,24; 1Jo 2,15-16): amar a Deus é consagrar-se-lhe e servi-lo fielmente; amar seu próximo é manifestar-lhe um res-

Cf. 1Tes 3,6: "Ti-
solùvelmente unida à fé (Ef 6,23). da vossa fé e da
móteo... trazendo-nos boas novas "Conhecedores
vossa caridade"; 5,8; Gál 1,5,6; Col 1,4: caridade que
da vossa fé em Jesus Cristo e da "Por saber
tendes para com todos os santos". Flm 5: 1Tim 1,14;
da tua caridade e da fé que manifestas".
Tt 2,2; 2Tim 1,13;2,22;3,10; 1Pdr 1,8.

[4] Lc 6,27: "Mas digo-vos a vós, que me ouvis: amai". Cf. Jo 13,35: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros".

[5] Donde 1Tes 4,9: "Porque vós mesmos aprendestes de Deus que vos deveis amar uns aos outros".

peito religioso (servir uns aos outros pela caridade (Gál 5,13). O homem integralmente, tôdas as suas faculdades são apreendidas, assumidas pela "agápe", de tal maneira que nenhum ato, nenhuma virtude terá valor senão na medida em que sejam manifestação da caridade[6]. Tôda a conduta moral é unida, literalmente "suspensa" ao amor. Até o culto, segundo S. Marcos, está subordinado à "agápe"[7]; porque para S. Lucas êste é o único meio de partilhar a vida eterna[8].

[6] Sob uma forma ou sob outra S. Paulo acentua como a caridade inspira os pensamentos e os atos dos cristãos; em, por, segundo a caridade. 1Tes 5,13: "Tende com êles uma caridade particular"; Rom 14,15: "Se teu irmão fica contristado já não andas segundo a caridade; 15,30; 1Cor 4,21;16,14: "Tôdas as vossas obras sejam feitas em caridade"; Gál 5,13: "Mas servi-vos uns aos outros pela caridade"; Ef 2,4;5,2: "Andai no amor"; Flp 1,16: "Êstes operam por caridade"; Flm 9: "Prefiro pedir-te por caridade"; 1Tim 11,15.

[7] Mc 12,33: "Amar (Deus e o próximo) vale mais que todos os holocaustos e sacrifícios"; cf. Mt 5,23,24: "Portanto se estás para fazer tua oferta diante do altar e te lembrares aí que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e depois vem fazer a tua oferta".

[8] Lc 10,27. Cf. Dt 30,20: "Amarás o Senhor teu Deus... faze isso e viverás". Segundo 1Cor 13,1-3, a posse dos mais elevados dons espirituais (a profecia, o conhecimento religioso, o poder de fazer milagres), assim como a ascese e as mais absolutas renúncias, não têm nenhum valor se quem as pratica não tem caridade. Até o dom total de si mesmo chega a um resultado nulo diante de Deus, se a "agápe" não o inspira. Pode-se dizer que o cristão

A fôrça, a solenidade desta declaração, citada pelos três primeiros evangelistas, mostra demais que não se trata de um ensinamento como qualquer outro: Jesus quis definir a essência da religião que trazia ao mundo pelo conteúdo da Nova Aliança que selará com seu sangue. Os apóstolos não se enganaram sôbre isso. S. Paulo insistirá: se eu não tiver caridade não tenho nada, não seria nada, nada me aproveitaria (1Cor 13,1-3). Viver segundo a caridade é "um caminho ainda mais excelente" (12,31), em razão mesmo de seu valor. Em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão valem coisa alguma, mas sim a fé que obra pela caridade (Gál 5,6). E ainda: "Aquêle que ama o próximo cumpriu a lei. Em verdade "não cometerás adultério; não matarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás" e qualquer outro mandamento que seja resu-

não vive senão pela caridade, como não existe senão em Cristo. A caridade é a essência do cristianismo; sem ela o fiel não existe (na ordem da salvação). Se pois a moral consiste em viver de acôrdo com o que se é, a vida cristã não será nada mais que o desenvolvimento dêsse amor extremamente dinâmico. Designando a caridade como forma e mãe de tôdas as virtudes, os teólogos exprimirão exatamente os dados do Nôvo Testamento: atraindo todos os atos virtuosos sob o seu domínio e orientando-os para seu verdadeiro fim, a caridade é a inspiradora e o motor de tôda a conduta cristã (Sto. Tomás, q. de Caritate, a. 3).

me-se nestas palavras: "Amarás teu próximo como a ti mesmo"... o amor é o complemento da lei (Rom 13,8-10); o que é retomado em Gál 5,14: "Porque tôda a lei se encerra nessa palavra: amarás teu próximo como a ti mesmo" [9]. Sem dúvida o Apóstolo terá de prescrever muitos deveres diversos e muito concretos mas terá sempre o cuidado de relembrar: "Tôdas as vossas obras sejam feitas em caridade... andas segundo a caridade... procurai a caridade... andai no amor..." [10]. Mais ainda, quando estabelece Timóteo à testa da Igreja de Éfeso e antes de determinar as funções que seu delegado deverá cumprir, declara que a razão de ser do cargo pastoral é fomentar a caridade: "O fim dêste preceito é a "agápe" (dos membros da comunidade)" [11].

S. Pedro e S. Judas não concebiam de outro modo a hierarquia dos valores cristãos.

[9] Esta importância dada ao amor ao próximo compreender-se-á melhor em Jo 3,21-5,2: o amor fraterno supõe o amor de Deus e dêle deriva. Cf. Hebr 6,10: servindo seus irmãos, os hebreus manifestaram o amor que êles tinham pelo nome de Deus.

[10] 1Cor 14,1;16,14; Rom 14,15; Ef 5,2; 2Jo 5: "E agora rogo-te que nos amemos uns aos outros".

[11] 1Tim 1,5 (cf. 2Cor 2,8). Nada foi dito mais forte que isso sôbre a autoridade cristã e o sentido da instituição da Igreja. Uma e outra tendem a promover o bem supremo dos fiéis; o amor de Deus e do próximo. É esta finalidade que suscita, justifica e orienta todo o ensinamento e tôda a disciplina do Magistério.

O primeiro prescreve: "Sobretudo tende uns para com os outros uma caridade ardente" [12]. O segundo: "Conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna" (Jud 21). Quanto à S. João, não conhece senão o "antigo" mandamento porque êle foi prescrito desde a conversão cristã (1Jo 2,7-11; 2Jo 5), "nôvo" porque trata-se de agora em diante amar como o Cristo ama (Jo 13,34;15,12) — e que consiste em unir em um mesmo amor religioso: Deus, o Cristo, o próximo; o anel de ouro do amor. É exatamente o que Jesus tinha ensinado e o que S. Paulo tinha retomado; mas a originalidade do Discípulo Amado é não se unir a nenhuma outra coisa e não se interessar, em dogma como em moral, senão pela caridade. A abundância dos textos é significativa: "Temos de Deus êste mandamento que aquêle que ama a Deus ame também seu irmão" (1Jo 3,21). "Se Deus nos amou assim também devemos nós amarmos uns aos outros" (3,11). "Aquêle que ama a Deus ama também seu irmão" (4,21). "E todo aquêle que ama aquêle que gerou, ama também aquêle que nasceu dêle" (5,1). "A cari-

[12] 1Pdr 4,8; cf. 1,22: "Purificando vossas almas na obediência à verdade, para vos amardes, caros irmãos. Do íntimo do coração, amai-vos, pois intensamente uns aos outros".

dade consiste em que andemos segundo seus mandamentos. Êste é o mandamento segundo o qual deveis caminhar como ouvistes desde o princípio" (2Jo 6).

a) Neste ponto, a caridade não é mais sòmente a inspiradora da moral dos filhos de Deus, nem mesmo a alma da religião nova, ela constitui de qualquer modo "o ser e a vida do cristão". Para os apóstolos, com efeito, a fé é antes de tudo uma convicção do amor objetivo de Deus para conosco e uma resposta a êste amor por uma doação total de nós mesmos: "Reconhecemos a caridade que Deus tem por nós e cremos nela; Deus é caridade; quem permanece na caridade permanece em Deus" (1Jo 4,16). S. Paulo definiu de idêntica maneira: "Vivo na fé no Filho de Deus que me amou e se entregou por mim" (Gál 2,20). Um e outro revelam o segrêdo de sua vida íntima, a alma de sua espiritualidade, pode-se dizer. Os Doze e depois todos os cristãos segundo o seu testemunho, estão persuadidos que o Cristo veio à terra e deixou-se crucificar por amor a Deus e aos homens e que assim fazendo manifestou o amor que o próprio Deus possui: "Quem me vê, vê também o Pai" (Jo 14,9). Eis por que a pregação do Evangelho não foi outra coisa que a proclamação desta convicção e dêste

fato. Não se trata sòmente de uma fé, mas de uma vida e de uma experiência. Contemplando a cruz do Filho de Deus feito homem, cada fiel deve dizer com a emoção dos primeiros discípulos: "Êle me amou e entregou-se à morte por mim"; êste amor sendo tão real quanto a morte.

É evidente que esta imolação confere ao Senhor um direito de propriedade sôbre aquêles que ama e resgata (At 20,28; 1Cor 6,20;7,23; Ef 1,7). Pela fé o cristão reconhece e aceita esta apropriação (Rom 7,4); decide "viver para o Senhor"[13].

Mas esta "novidade de vida" (Rom 4,4) será antes de tudo adesão ao amor primeiro de Deus e do Cristo, uma resposta de caridade que se traduz pela oferta total de si mesmo (Rom 6,3;12,1-2), portanto uma oblação de gratidão que constitui um culto muito espiritual. Por amor, o cristão consagra-se a Deus e entrega-se a seu serviço. Não pode provar melhor sua caridade que se entregando àquele

[13] Cf. Rom 14,7-9: "Nenhum de nós vive para si mesmo e nenhum de nós morre para si mesmo. De fato, se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Logo ou vivamos ou morramos, somos do Senhor. Precisamente para isto é que Cristo morreu e ressuscitou: para ser o Senhor dos mortos e dos vivos". 2Cor 5,15: "Morreu por todos, a fim de que aquêles que vivam não vivam mais para si, mas para aquêle que morreu e ressuscitou por êles".

que o amou, imolando-se para salvá-lo. É assim que êle se identifica cotidianamente com o mistério de caridade e de morte do Filho de Deus, que termina em ressurreição e vida celeste.

Neste plano, as distinções de raça, de profissão, de idade e de sexo não entram em conta. Não há mais "morais especiais" ou particularizadas. Todos os filhos de Deus, resgatados, só obedecem a um único preceito: permanecer na caridade (Jo 15,9-10; cf. 1Jo 4, 16) como o sarmento prêso ao cepo da videira. O único problema vital para os ramos é permanecer unidos ao tronco, condição essencial para dar fruto. A caridade é precisamente êste liame que assegura a existência e a perenidade no Cristo.

Esta vocação comum a todos os eleitos de Deus, S. Paulo recordá-la-á aos efésios: "Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... escolhendo-nos nêle antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados a seus olhos (Ef 1,4). A expressão redundante "santos e imaculados", evoca o duplo aspecto positivo e negativo da consagração a Deus; são têrmos do culto pelos quais o Antigo Testamento expressava a perfeição requerida para a "vítima" sem defeito, segundo a perfeição irrepreensível do justo. Mas a ênfase da "bênção" está sôbre a "existência

na caridade" face a Deus. Uma vez purificados os filhos de Deus, devem apenas continuar a existir, aqui embaixo ou no céu, no amor, na adoração e na gratidão. Êles foram "escolhidos" na economia da salvação simplesmente para ter esta atitude e cumprir esta função.

b) Pois que se trata de culto, sacrifício e união consumada com Deus [14] é evidente que a "agápe", amor muito nobre e muito puro, reveste-se de uma qualidade nova: uma "insigne santidade". Para "estar em presença de Deus", com efeito, é preciso ser inocente, santo(Ef 1,4) puro, irrepreensível (Flp 1,9-10). Ora, desde que se é santificado pela ablução batismal, se está apto a amar com êste amor muito casto e cultual (1Pdr 1,22), normalmente associado à "piedade" ou virtude da religião (2Pdr 1,7; Tim 6,11). Crescer na caridade será necessàriamente "crescer em santidade" (1Tes 3,12-13). A "agápe", amor especìficamente cristão, não se abriga senão nos

[14] Êste aspecto religioso reveste semelhantemente o amor do próximo; cf. Tg 1,27: "A religião pura e sem mácula diante de Deus e nosso Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e conservar-se puro de tôda a mancha dêste mundo". Esta religião é a da caridade. Sabe-se também que ela tem o poder de expiar os pecados (1Pdr 4,8).

corações inocentes, profundamente religiosos [15], únicos aptos a ver Deus [16].

c) Efetivamente, a caridade, em relação estreita com a inteligência, pode ser considerada sob muitos aspectos como uma "faculdade de conhecimento" [17]. O Senhor o havia sugerido quando formulou o primeiro e maior mandamento: "Amarás... com tôda a alma" (Mc 12,33), e S. Pedro compreendeu bem o enriquecimento que a "agápe" traz à fé, o amor ao conhecimento: "Aplicando todo o cuidado, aplicai à vossa fé, a virtude; à virtude, a ciência... à piedade, o amor fraterno, ao amor fraterno, a caridade. Com efeito, se essas coisas se encontrarem e abundarem em vós, não vos deixarão vazios nem infrutuosos pelo conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo" [18]. O crescimento da "agápe" conduz

[15] Cf. 1Tim 1,5: "A caridade nascida de um coração puro"; 2,15: "Na caridade e na santidade"; 4,12: "Na caridade, na fé, na castidade".

[16] Mt 5,8; Hebr 12,14: "A santidade sem a qual ninguém verá o Senhor".

[17] A caridade que nunca há de acabar, chega a conhecer Deus como êle nos conhece (1Cor 13,8-12).

[18] 2Pdr 1,7-8. Como em 1Cor 13, a caridade fraterna, dominando tôda a vida moral, expande-se na "epignose" de Deus, assim em 2Pdr orienta tôda a atividade virtuosa para o conhecimento de Cristo: o cristão é posto em condições a estar apto a penetrar mais adiante nos mistérios divinos. Esta posse é o fruto ou a conclusão normal de uma vida moral animada pela "agápe". Esta vai mais longe que a

o ser, como uma planta desabrochando em flôr e fruto, a uma "epignose", uma ciência aprofundada do Cristo.

S. Paulo empenhou-se em determinar esta relação. Mostra aos efésios (3,17-19) que os corações arraigados e fundados na caridade, têm bastante fôrça para apreender e conhecer o amor do Cristo que excede todo o conhecimento. A "agápe" é o amor de Deus por nós. O fato de nêle mergulhar suas raízes ou de nêle apoiar-se evoca a alimentação e o vigor de uma vida cristã que participa da própria vida de Deus. Compreende-se então que o homem "interior" dispõe de uma faculdade que está à altura de seu objeto: atingir a plena convicção do amor de Cristo por nós e entrever sua imensidade. Seguramente não se compreende o infinito; mas é um muito elevado conhecimento saber como êste amor excede tôda expressão e todo conceito. Aí está o cume da contemplação: a alma fervorosa tem consciência de que o amor de Cristo, sem limite, pròpriamente inexprimível, sem uma

fé inicial, dá uma certa compreensão do mistério, "realiza-o". Quanto mais se ama em obra e em verdade, melhor se compreende o Cristo e sua caridade a nosso respeito, os sentimentos que inspiraram sua vida sôbre a terra. Se, pois, os pecadores são míopes ou cegos diante da luz divina, os que amam têm os olhos do coração "iluminados" ou fortificados, possuem uma nova percepção espiritual.

medida comum com um amor humano qualquer, está além do alcance de um espírito criado, excede completamente as nossas fôrças: "Ninguém pode saber — comenta Tomás de Aquino — o quanto Cristo nos amou".

Não é que a ciência seja superior ao amor (cf. 1Cor 13,2) — não há nada mais elevado que a "agápe" — mas conhecer pela caridade é o único meio de estar "cheio da plenitude de Deus". O que equivale dizer que a vida cristã, vida na caridade, não é uma simples disciplina moral, mas união com o Senhor que é espírito (2Cor 3,17), segundo nossas faculdades mais elevadas. A contemplação é a realização completa da vida "em presença de Deus no amor". "A vida eterna é esta: que te conheçam a ti como o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17,3).

Mas como compreender que um amor possa conhecer e de uma certa maneira tornar mais inteligente? O Apóstolo explica, parece, aos efésios — quando pede para êles que Deus "ilumine os olhos do coração" (1,18), — e aos filipenses: "É o que lhe peço, que vossa caridade cresça mais e mais em compreensão e em plena inteligência" (1,9). A "agápe" de que se trata não é determinada por nenhum complemento de objeto. Não há portanto restrição seja ao amor de Deus, seja ao amor

do próximo. É uma realidade autônoma exprimindo a vida cristã ela própria no que tem de essencial (1Cor 13) e especialmente como fonte de energia e de irradiação no plano moral e religioso. Quando S. Paulo menciona a caridade, evoca menos seus objetivos que sua fonte, pensa primeiro no amor que vem de Deus e do Cristo e que nos "constrange" (2Cor 5,14). Em um contexto de oração esta sentença é justa! o Apóstolo pede que Deus comunique uma participação sempre mais abundante de seu amor aos filipenses. É que o crescimento da "agápe" elevará suas faculdades de discernimento e percepção espiritual. Um coração amoroso não é ao mesmo tempo delicado e lúcido? Dois campos de atividade são aqui observados. De um lado a caridade "sente" por instinto tudo o que pode agradar ou desagradar a Deus (cf. Col 1,9; Hebr 5,11-14); de outro lado ela aprecia e "realiza" tôdas as riquezas da salvação e antes de tudo o que a caridade de Cristo tem de infinito. Êstes dois objetos não são dissociáveis, porque a caridade que percebe a transcendência de Deus e a generosidade sem limite de seu amor é também muito mais sensível às suas exigências de santidade e de caridade recíproca.

Pode-se pois falar de corações "unidos na caridade... de uma perfeita inteligência, para

conhecerem o mistério de Deus, que é Cristo" (Col 2,2). A redundância de têrmos traduz o entusiasmo do Apóstolo evocando êste progresso na luz e no amor, graças ao qual o cristão se aproxima de Deus e se identifica com êle. Dir-se-ia que não há limite à capacidade de inteligência de um coração batendo ao ritmo da caridade divina.

A relação entre inteligência e "agápe" é aqui direta. Graças ao amor divino, o espírito ganha em acuidade [19], penetra mais adiante nos mistérios de Deus, mais exatamente no conhecimento de Cristo. Compreender-se-á que a caridade dá à inteligência do fiel mais fôrça e lucidez para atingir seu próprio objeto.

Um coração fervoroso em questão de fé, desperta uma compreensão mais espiritual e portanto mais adequada. Por conseqüência, todo progresso na caridade chega a uma apreensão mais profunda de Deus, graças a uma energia e à aplicação aumentada do espírito. Pode-se imaginar mais bela prece: "Que o amor de Cristo exceda tôda ciência"?

Isso não é inteligível a não ser que nos lembremos do valor afetivo do conhecimento bíblico. A gnose é ao mesmo tempo ciência, amor, discernimento, escolha e finalmente pos-

[19] Cf. Sto. Agostinho: "Nada pode ser conhecido, a não ser em função da amizade que se lhe dedica" (De div. quest. 83, q. XI, 5; P. L. XL, 82).

se (cf. Ef 3,17-19; 2Tim 2,19). Na ordem religiosa "conhecer de que modo se deve saber" (1Cor 8,2) é unir ciência e caridade. A êste título, o conhecimento amoroso de Deus — dom e manifestação do Espírito divino, ou, segundo Hebr 6,5, "as maravilhas do mundo futuro" — é um meio adequado de apreensão da divindade; caminho para Deus (1Cor 12,31), conduz à salvação.

Daí as asserções joânicas: os cristãos "conhecem" a caridade que o Pai lhes concede e a assimilam; êles se converteram desde que "perceberam esta revelação" (1Jo 4,17). Amando a Deus, "sabem" que são da verdade (3,19) e que levam um autêntico amor aos filhos de Deus (5,2). Inversamente, sua "agápe" fraterna assegura-lhes que foram transladados da morte para a vida (3,14). Desde que se possui o amor divino, tem-se uma clarividência nova, uma inteligência mais profunda de Deus: "Todo o que ama... conhece a Deus" (4,7). Ora todo acréscimo da caridade conduz de si a uma posse mais lúcida e íntima de seu objeto, porque o Pai e o Filho aproximam-se e unem-se mais ao discípulo: "Aquêle que retém meus mandamentos e os guarda, êsse é o que me ama; e aquêle que me ama será amado por meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a êle" (Jo 14,21.23).

Êste conhecimento experimental e saboroso mantém-se imperfeito aqui embaixo; identificável ao de uma criança, dará lugar no céu à visão face a face (1Jo 3,2); atribuível à caridade sòmente (segundo 1Cor 13,12): "Então hei de conhecê-lo como sou por êle conhecido". Para S. Paulo o sinal supremo da caridade verdadeira é o superconhecimento (epignose) celeste. A "agápe" indefectível expande-se na contemplação — comunhão eterna e bem-aventurada.

V

RECOMPENSA E ALEGRIA DA CARIDADE

Jesus anunciou aos que têm caridade que uma larga recompensa lhes seria reservada nos céus: "E será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo... Dai e dar-se--vos-á. Uma medida boa, cheia, recalcada e acogulada, vos será lançada nas dobras de vosso vestido; porque com a mesma medida com que medirdes para os outros, será medido para vós" (Lc 6,35,38).

Já se sabia pelo Antigo Testamento que amar é encontrar deleite e deliciar-se[1]. Não apenas aquêles que amam a Deus regozijam--se[2]; mas ao próprio Deus lhe são atribuídos "transportes de alegria" (Sof 3,17). Efetivamente o verbo grego correspondente ao substantivo "agápe" significa o mais das vêzes "estar contente, satisfeito, feliz", de tal maneira que êle é normalmente associado a "regozijar-se".

[1] Jer 14,10; Sl 119,47: "Deleitar-me-ei nos teus mandamentos que amo".

[2] Jó 13,14: "Felizes aquêles que te amam... porque êles vão regozijar-se em ti". 14,7: "Aquêles que amam Deus em verdade regozijar-se-ão". Is 16,10: "Alegra-te, Jerusalém; alegrai-vos por causa dela, vós que amais". Sl 5,12: "Em ti exultam os que amam o teu nome".

Amado (agapétos) pode também ser traduzido por "fascinado e encantado". O advérbio caridosamente (agapétos) pode igualmente significar "com alegria". A êste uso semântico corresponde a psicologia comum: um amor que tem beleza e generosidade não pode deixar de suscitar felicidade[3].

Mas a alegria da "agápe" cristã tem qualquer coisa de muito específico, tanto pelo seu objeto quanto pela sua intensidade e qualidade. S. Pedro toma os primeiros fiéis como testemunhas: "Êste Jesus — vós o amais sem nunca o ter visto — exultais com uma alegria inefável e cheia de glória" (1Pdr 1,8). Há uma espécie de admiração da parte de Pedro, testemunha ocular e familiar do Salvador, a respeito dêstes cristãos que se afeiçoaram ao Mestre sem ter sofrido sua ascendência e sua sedução humana. Mas é também um elogio dêste amor muito espiritual que deriva do conhecimento da fé, "fundamento das coisas que se esperam e o argumento das que não se vêem" (Hebr 11,1).

[3] Cf. At 20,35: "O Senhor Jesus... êle mesmo disse: é maior ventura dar que receber". 1Cor 13,6: "A caridade não folga com a injustiça", mas folga com a verdade. "Gál 5,22: "O fruto do Espírito é caridade, gôzo". Segundo Rom 14,15 há oposição entre se afligir e viver segundo a caridade; da mesma maneira que entre "agápe" e inveja (segundo 1Cor 13,4), esta sendo uma tristeza.

Mas se o Cristo está fora das vistas (Jo 20,29), não está longe de ser alcançado. Permanece, com efeito, realmente presente (2Pdr 1,16) e pela fé e pela caridade seus discípulos lhe estão unidos da maneira mais vital. A "agápe" pode mesmo dar uma experiência sensível da posse de seu objeto sob a forma de um "transporte de alegria". Esta forma superlativa pareceria suficiente para traduzir a alegria extrema da caridade: amor-consagração ao Senhor; mas em verdade êste encantamento é pròpriamente "inexprimível" ou "indizível". Êste epíteto que não se encontra aliás na Bíblia, acentua a profundeza e a densidade desta felicidade. E que ela não é tanto uma alegria da terra quanto uma participação na do céu. A par de seu objeto, ela já está com tôda "glorificada", isto é, como uma participação estável da beatitude de Deus[4].

[4] A expressão "ser glorificado" demonstra que se trata de uma manifestação permanente, durável, da presença e da ação de Deus. A "glória" bíblica é a luz que reveste tôda a manifestação de Deus entre os homens — "Tudo que é manifestado torna-se luz" (Ef 5,13) — o sinal de sua presença e de sua ação. Trata-se portanto de uma alegria celeste; da qual se aproxima Jo 14,28: "Se vós me amásseis certamente vos alegraríeis de ir para o Pai". 1Jo 4,18: "Na caridade não há temor; a caridade perfeita lança fora o temor, porque o temor supõe pena, aquêle que teme não é perfeito na caridade". Cf. Sto. Agostinho: "O pedagogo terrificante será suprimido, quando a caridade suceder ao temor" (*De Spir. et Litt.* 18, 31; P. L. 44, 219).

Mas que dizer então da felicidade reservada "àqueles que amam a Deus", quando êles chegarem à pátria e aproximarem-se "da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celeste e da multidão de muitos milhares de anjos, assembléia dos primogênitos que estão nos céus"? (Hebr 12,22-23).

S. Tiago contentou-se em afirmar: a beatitude da "agápe": "Bem-aventurado o homem... receberá a coroa da vida que Deus prometeu aos que o amam" (Tg 1,12). S. Paulo, que tinha sido arrebatado ao terceiro céu, até o paraíso (2Cor 12,2,4), recusa-se a exprimir esta plenitude e alegria. É mais que indizível, não é concebível a um espírito humano: "O que o ôlho não viu, o que o ouvido não ouviu, o que não chegou ao coração do homem, estas coisas Deus as preparou para aquêles que o amam" (1Jo 2,9).

A glória eterna é prometida ao amor.

A LIBERDADE DO CRISTÃO SEGUNDO O NÔVO TESTAMENTO

PRELIMINARES

Israel nasceu de uma liberação. A constituição das doze tribos no povo de Deus data da libertação da escravidão egípcia. Eis por que Javé, que havia escolhido esta pequena nação para apropriar-se dela e ser seu único Senhor, será sempre invocado entre os seus como o Libertador, aquêle que salva da escravidão.

Em verdade as grandes nações pagãs têm muitas vêzes invadido a Terra Santa e submetido seus habitantes a seu domínio. Esta opressão e esta tirania pareciam opor-se à posse exclusiva do povo eleito por seu Deus. Pois bem, os profetas anunciam que êste libertará seu povo?[1] Êles definem a salvação como a libertação de um jugo, o resgate de uma opressão, uma liberdade. Se o Messias vem em nome de Javé e para estabelecer seu

[1] Is 40,2;49,8-9;52,9; Miq 4,10: "Tu serás libertatada... Javé te livrará da mão de teus inimigos". Zac 9,11 s.

reino em Israel, êle não pode deixar de se apresentar como libertador: "Pelo que me ungiu... para anunciar aos cativos a redenção... e pôr em liberdade os oprimidos" (Is 61,1; Lc 4,18).

Isto não é pura doutrina teológica ou motivo pastoral de consolação. Todo israelita piedoso vivia desta esperança que é expressa à porfia nos lábios das santas almas que, no primeiro século, esperavam a vinda do Messias. Em seu cântico de ação de graças o sacerdote Zacarias canta: "Visitou e resgatou o seu povo" (Lc 1,68). A profetiza Ana, que não se afastava do templo, fala do Menino Jesus: "E falava de Jesus a todos de Jerusalém que esperavam a redenção" (2,38). Os discípulos de Emaús resumem sua fé, posta à rude prova, pela Paixão, nestas palavras: "Ora, nós esperávamos que êle fôsse o que devia resgatar Israel" (Lc 24,21).

O Cristo, Filho de Deus encarnado e Redentor do mundo, não decepcionou esta espera. Mas segundo a pedagogia divina, os bens temporais prometidos aos eleitos da Antiga Aliança, eram sòmente a figura e o penhor dos bens espirituais concedidos na nova e eterna Aliança. Não se trata, pois, na Igreja de Jesus Cristo, da liberação de um território nem da emancipação de uma dominação política — o Mestre manda dar

a César o que é de César — mas estabelecer a soberania exclusiva de Deus sôbre cada alma e por conseqüência libertar do pecado e da tirania de Satã.

A êste título, o reino de Deus estabelecido pelo Salvador comporta essencialmente o dom da liberdade espiritual e interior, a conversão ao Evangelho faz do pecador um ser livre, do escravo um filho de Deus.

A fim de ressaltar a ligação intrínseca, institucional que existe entre cristianismo e liberdade, observar-se-á como, segundo S. Paulo e S. João:

a) quem crê em Cristo adquire a liberdade;

b) quem recebe o Espírito Santo vive como ser livre;

c) quem nasceu do Deus-Pai é livre de qualquer servidão: é agregado ao reino da liberdade.

OS DADOS DO NÔVO TESTAMENTO SÔBRE A LIBERDADE DO CRISTÃO

a) *Crer em Cristo é adquirir a liberdade*

Nosso Senhor Jesus Cristo possuindo a própria natureza de Deus, uma natureza de luz (1Jo 1,5), não dizendo senão o que ouvira junto a Deus, não agindo senão segundo o que vira em Deus, apresenta-se ao mundo como a testemunha fiel e verídica, o "Amém" do Pai, e resume sua autoridade de revelador infalível nesta afirmação: "Eu sou a verdade" (Jo 14,6).

Apresenta sua missão como um libertador. A verdade que êle encarna e propõe sairá vitoriosa das trevas e romperá todos os laços do pecado. É o que ressalta claramente desta página de Jo 8,31 ss.: "Se vós permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres". A isso, os judeus gritam indignados: tornar-nos livres? Mas nós sempre o fomos! De que servidão teremos necessidade de ser libertados? "Nós somos filhos de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém; como dizes tu: Sereis livres?"

Jesus responde: "Em verdade, em verdade vos digo: Todo que comete o pecado é um escravo do pecado... Eis por que eu

vos dizia: Sim, o Filho de Deus vem vos libertar, sereis realmente livres, mas de fato vós procurais me matar, a mim, um homem que vos diz a verdade! A verdade que ouvi junto de Deus! Fazendo assim cumprireis as obras de vosso pai, o diabo, que foi homicida desde o comêço porque êle não permanece na verdade. Não há verdade nêle porque êle profere mentira; êle fala de seu íntimo porque êle é mentiroso. Êle é o pai da mentira".

O pensamento é claro, mas o que é mais evidente é a relação posta pelo Senhor entre "verdade" e "liberdade" de um lado (a verdade nos torna livres do êrro e do mal), e mentira e escravidão, até mesmo morte, de outro lado. — Mais ainda: o duplo estado de escravidão ou de liberdade provém de dupla filiação. Os homens livres são filhos de Deus ou filhos da liberdade (é a mesma coisa); os escravos do mal ou do êrro são filhos de Satã. Ora, há uma contradição radical entre êstes dois reinados da verdade e da mentira, da luz e das trevas; ela é sòmente o reflexo do antagonismo principal das grandes fôrças espirituais que conduzem o mundo! Jesus e Satã. O Salvador veio libertar os homens de tôda a servidão e, para chegar a êste fim, propõe-lhes a Verdade. Satã mantém os homens na escravidão e, para chegar a êste fim,

mantém-nos na mentira. E, do mesmo modo que o demônio — assassino desde o comêço (cf. Adão e Eva, Caim) — quer matar Jesus; os "filhos" dêle procurarão sempre extinguir a luz e massacrar as testemunhas da Verdade. Aquêles que amam sua escravidão, com efeito, não poderão jamais tolerar que haja quem se evada de suas trevas, libertos que cheguem à luz... a de Deus que é vida e beatitude.

Em definitivo: tornar-se discípulo de Cristo é aderir à sua Pessoa, é, por êste fato mesmo, receber a verdade, caminhar na luz e finalmente ser livre[1].

É neste sentido que é preciso compreender a declaração de Jesus aos "seus": "Para mim, vós não sois escravos, sois amigos". Vivo convosco em pé de igualdade[2].

[1] Cada revelação de Deus, cada palavra do Cristo é uma luz, como um farol que ilumina o caminho, indica-o, permite avançar evitando obstáculos. O que crê descobre quem é Deus e o que é êle mesmo, de onde êle vem, para onde vai, o que deve fazer e como fazê-lo: "Seguir Jesus" o que é a definição do discípulo, significa que "se encaminha na luz". Desde então o mundo não é absurdo, a vida tem um sentido, uma direção, atinge a felicidade. Tudo está contido nesta afirmação do Mediador e guia: "Eu sou o caminho, a verdade, a vida" (Jo 14,6).

[2] Jo 14,5; cf. Mt 17,26: "Os filhos estão isentos". Sto. Tomás de Aquino explica: "A caridade confere ao homem uma eminente dignidade. Tôdas as criaturas, com efeito, servem o Deus de Majestade porque elas foram feitas por êle, quais objetos que estão a serviço do artesão que os fêz. Ora, "a

b) *Liberdade e Espírito Santo*

O apóstolo S. Paulo, convertido do farisaísmo e do culto à lêtra — "A lêtra mata" escreverá — foi profundamente marcado por esta revelação. Não sòmente êle refletiu muitas vêzes sôbre ela e tornou-se um doutor em leis, mas experimentou-a mais que qualquer outro em sua vida íntima.

"Fariseu para tudo que é da Lei", isto é, quanto à sua interpretação mais rígida e sua observância mais rigorosa, Saulo viveu sua infância, sua adolescência e os primeiros anos de sua maturidade sob o jugo da Tora, como um escravo na submissão ao senhor mais exigente.

A piedade judia no primeiro século carateriza-se por seu aspecto de observância às leis; a moral judia é uma moral dos mandamentos; a religião judia é a da "lei" exaltada

caridade faz do escravo um ser livre e um amigo"... Deve-se notar entretanto que há uma dupla escravidão. A primeira, a do temor, que teme o castigo, e não tem mérito. Por exemplo, se nos abstemos do pecado ùnicamente para não sermos castigados, não há mérito nisso e se permanece um escravo. Mas a segunda escravidão é a do amor. Se nós agimos, não por temor do castigo, mas por amor de Deus, não nos conduzimos como um escravo, mas como um ser livre, porque nossa ação é voluntária" (Op. *de duobus Praeceptis charitatis*, IV, p. 417, ed. Mandonnet).

acima do próprio Deus. Seguramente a vida do justo era uma autêntica vida religiosa: uma obediência a Deus. Mas à fôrça de encarar a virtude como uma estrita observância da lei, expressão da vontade divina, de qualquer modo chegava-se a formar uma hipóstase desta lei, considerando-a como uma entidade indepedente de Deus mesmo, tornando menos nítida sua significação fundamental (cf. Mt 23,23). Os rabinos, com efeito, chegam até a pretender que Deus seja o primeiro a observar a lei por êle mesmo promulgada (Rabino Eleázar). Não sòmente Deus usa todos os dias "phylacteros" e envolve-se com uma vestimenta guarnecida de "cicith"[3], mas três horas por dia estuda a Tora (Rabino Jehuda). Todavia, êle se teria desobrigado, através dos doutôres da lei, da promessa que fizera, isto é, aniquilar os israelitas depois de adorarem o bezerro de ouro (Rabino Isaac).

Os anjos são circuncisos e observam o sábado à semelhança de Deus. Quanto aos justos, êles devem observar os 613 preceitos da Tora (248 positivos, 365 negativos), aos quais a tradição juntará uma multidão de novos mandamentos, de proibições, de interdições: há trinta e nove casos nos quais se transgride

[3] Ornamentos diversos que os judeus traziam na parte inferior de suas vestes para torná-las mais cerimoniosas.

a lei do sábado: transportar um pedaço de lenha, amarrar ou desamarrar um animal, acender a luz, escrever duas lêtras do alfabeto etc... a tal ponto que o analfabeto, o homem comum é incapaz de conhecê-los e, portanto, de ser religioso e aceito por Deus[4]. A piedade é primeiramente questão de ciência e jurisprudência. Eis a razão pela qual o acesso à dignidade de escriba, isto é, de teólogo-jurista (o fariseu é um prático) é tão árduo: enquanto que o sacerdócio exige vinte e quatro condições, a realeza trinta, não se tem acesso à lei senão mediante quarenta e oito condições. Mas, em contraposição, "as decisões dos escribas são mais determinantes que as da Tora" (tratado *Sanhedrin*, 9, 3).

O homem, e Israel em particular, foi criado para a Tora. Esta é de tal maneira o que há de mais importante na vida, que os patriarcas a conheciam e a praticavam antes mesmo que ela fôsse promulgada. A regra suprema será, pois, observar os preceitos. Os mais insignificantes obrigam tanto quanto os mais graves... como a lei do preceito: "Quem

[4] Será de espantar que o anúncio da salvação tenha sido feito aos pastôres, nos campos de Belém, porque os judeus consideravam os pastôres como ímpios, não estando aptos nem a conhecer, nem a praticar as observâncias religiosas. Êstes primeiros destinatários do Evangelho provam que êste foi primeiro anunciado aos "pobres" e aos pequenos, os privilegiados de Deus.

come pão sem ter lavado as mãos é semelhante ao homem que freqüenta uma prostituta" (tratado *Iota*, 4 b).

Não é questão de virtude, de espontaneidade, de interioridade, de perfeição, mas de obediência, porque é o mandamento como tal que tem valor santificante, é êle que purifica e que salva. E dado que cada ponto, cada "iota" da lei assegurava uma recompensa, pois que tôda ação reta, isto é, conforme à regra, merecia seu pago, o ideal era de acumular as boas obras, constituindo assim um tesouro. Pode-se dizer que o justo tinha suas contas em dia com Deus, do qual êle se considerava o credor, com direitos sôbre o devedor.

Em verdade, êste crescimento desmesurado da autoridade da Tora chegou ao formalismo, a sufocar o esfôrço espontâneo da alma para seu desabrochar, finalmente a uma falência religiosa, porque cada um devia lealmente confessar que jamais conseguira observar todos os preceitos da lei e da tradição. No concílio de Jerusalém, S. Pedro recusará que se imponham aos pagãos convertidos ao cristianismo o pêso das observâncias judaicas: "um jugo que nem nossos pais, nem nós podemos suportar" (At 15,10).

Quando S. Paulo se converteu, a caminho de Damasco, sente-se no mesmo instante li-

berto desta servidão, e êle irá repetindo: "Vós não estais sob a lei, mas sob a graça"[5].

Quando êle prega a liberdade entende primeiro a "libertação do jugo da lei", isto é, dêste constrangimento que provoca necessàriamente a transgressão e o pecado: "E o mandamento que me era para a vida, foi para a morte porque o pecado tomando a ocasião do mandamento, seduziu-me — como a serpente seduziu Eva — e por êle me matou" (Rom 7,7-12).

[5] Rom 6,14. A insistência posta por S. Paulo a identificar a conversão ao Cristo e a aquisição da liberdade explica-se ao mesmo tempo por sua experiência religiosa e sua fidelidade a transmitir o ensinamento expresso do Salvador; mas também por seu cuidado apostólico de adaptar a mensagem evangélica à mentalidade grega de seus ouvintes. Seu contemporâneo Díon de Pruse explicava: "Os homens em geral aspiram a ser livres e proclamam a liberdade o maior de todos os bens e a escravidão a vergonha suprema e a pior das desgraças" (*Or.*, 14). Mas, para os gregos, o gôsto pela liberdade permanece o traço fundamental de seu caráter como proclama Agesilau: "A liberdade vale todos os tesouros do mundo" (XENOFONTE, *Hell.*, 4, 1, 35), ou esta inscrição de Prieno: "Não há nada maior para o heleno que a liberdade" (19, 19-20); é ela que dá ao homem sua dignidade própria (FILÊMON, *Fragm.*, 22). Do mesmo modo sua aquisição ou sua conservação valem os mais duros sacrifícios. Um persa perguntou a dois espartanos por que êles se sacrificavam em favor de seu povo. "Tu não podes compreender — responderam-lhe — tu não conheces senão a vida do escravo. O que é a liberdade, tu nunca experimentaste, se é doce ou não. Senão tu nos aconselharias a combater por ela, não apenas com a lanca, mas com o machado também" (HERÓDOTO, 7, 13).

Os judeus imaginavam que a lei conferisse a vida. Mas a lei, como tal, mesmo se propõe o ideal mais sublime, não saberia transformar um ser de carne em um ser espiritual, vivendo a vida própria de Deus. Ou então isto seria supor que o homem não tenha necessidade de ser salvo, que se possa salvar sòzinho! Longe de conferir esta vida, e sem mesmo destruir no homem a potência da morte, que é o pecado, ou ainda reprimi-lo, represá-lo, a lei lhe dá, ao contrário, ocasião de exercer tôda a sua virulência, de se exteriorizar e se desmascarar.

Pelo que ela prescreve ou proibe fazer, a lei sugere a transgressão e finalmente revela ao homem que êle é pecador, portanto, sua verdadeira identidade (Rom 3,20), que há nêle uma potência má: a "hamartia", o pecado personificado, identificável às diferentes concupiscências ou melhor ao egoísmo inato pelo qual o homem, desde o pecado original, em lugar de se pôr a serviço de Deus e do próximo, usa tudo para si mesmo! "Mas foi o pecado que para se mostrar pecado, me deu a morte por meio de uma coisa boa, a fim de que, pelo mandamento, o pecado mostrasse ao máximo sua nocividade"[6].

[6] Rom 7,13; cf. ST. LYONNET, *Liberté chétienne et Loi de l'Esprit selon Saint Paul*, Paris, 1954.

Para S. Paulo, Jesus é Salvador, essencialmente neste sentido que êle liberta de tôdas as escravidões: "Não há, pois, agora nenhuma condenação para os que estão em Jesus Cristo. Com efeito a lei do Espírito de vida em Jesus Cristo me livrou da lei do pecado e da morte" (Rom 8,1-2). "Foi para gozarmos desta liberdade que nos libertou" (Gál 5,1).

A vocação cristã resume-se neste benefício: "Vós fôstes chamados à liberdade" (Gál 5,13). O que Sto. Tomás de Aquino comenta: "Os justos não estão sob a lei porque o movimento interior e o instinto do Espírito que habita nêles torna-se seu próprio instinto. É, com efeito, a caridade que leva a fazer o que a lei prescreve. Depois então que os justos têm a lei interior, êles fazem espontâneamente o que a lei pede"[7].

O absoluto dos enunciados paulinos mostra que a liberdade de que se trata não é uma simples virtude, nem qualquer dêstes frutos do Espírito que o apóstolo enumera aos gálatas. É a própria vida cristã na sua alma, sua fonte e seu método no que êle tem de mais formal: o Santo Espírito, a graça de Deus, a caridade do Cristo. Isto quer dizer que o batizado que está em Cristo, ignora todo o moralismo, por pouco que êle tenha atingido um certo estado de maturidade na

[7] Comentário sôbre a Epístola aos Gálatas, V, 1. 5.

vida espiritual. Êle não tem que observar uma lei que lhe seria imposta exteriormente, mas a do Cristo vivendo nêle, a lei da graça[8], lei inscrita em seu coração de carne[9], inspirando portanto sua espontaneidade e seu fervor e que se expande e os orienta interiormente. É a liberdade própria de Deus que se expande na alma de seus filhos[10], graças

[8] Rom 6,15; 1Cor 9,21: "Não estando sem a lei de Deus, mas estando na lei de Cristo"; Gál 6,14.

[9] O profeta Jeremias opunha a aliança antiga à nova por êste traço: a primeira foi inscrita e promulgada nas tábuas da lei, a segunda seria ensinada por Deus à alma de cada homem: "Porei minhas leis no seu espírito, gravá-las-ei no seu coração... ninguém ensinará mais seu compatriota, ninguém a seu irmão dizendo: 'conhece o Senhor', porque todos êles me conhecerão desde o mais pequeno até ao maior" (cit. em Hebr 8,10-11).

[10] Representaremos a liberdade como o poder de optar entre duas ou várias soluções? O homem seria livre se pudesse à sua vontade ir para a direita, para a esquerda ou ficar no mesmo lugar. Êle seria colocado numa encruzilhada, neste caso, mas a imagem não valeria nada. Para Sto. Agostinho, a liberdade não tem nada de uma escolha entre bens exteriores; ela é uma reconstituição do espírito sob a ação da graça, um ato pelo qual o homem se unifica, deixa-se tornar a unificar, e encontra sua primitiva coerência. As paixões o tinham dispersado; por seus apetites arrastando-o para cá e para lá, êle tinha se dilacerado a si mesmo e decomposto segundo a multidão de seus instintos anárquicos. De repente, no centro de sua alma, uma atração fêz-se sentir, que obriga seus instintos ofegantes e dispersos a reentrar em seu castelo interior. O homem torna-se livre quando se espiritualiza, liberta-se de suas paixões, volta-se para o espírito, volta-se para o bem e merece de nôvo o nome de filho de Deus. Admi-

ao Espírito Santo: "Porque todos aquêles que são conduzidos pelo Espírito Santo são filhos de Deus" (Rom 8,14). É o que Sto. Tomás de Aquino explica ainda com sua habitual precisão: "O Nôvo Testamento consiste na infusão do Espírito Santo que nos instrui interiormente".

Donde ainda estas afirmações tão categóricas: "Se, porém, sois guiados pelo Espírito não estais debaixo da lei — sob a dominação do pecado — mas sob a graça" (Rom 6,14; Gál 5,18). "A lei não foi feita para o justo" (1Tim 1,9)... Evidentemente, pois que êste último obedece a uma lei não escrita, deixa-se conduzir por esta fôrça interior, guiar por esta luz que é o Espírito Santo habitando nêle. Aqui ainda as explicações de Sto. Tomás são muito elucidativas, projetando sôbre o enunciado bíblico rude, a luz da reflexão tradicional do teólogo: "O verdadeiro sentido de 1Tim 1,9 supõe que o que é imposto a alguém torna-se-lhe um fardo. Ora, a lei não pode ser imposta aos justos como um fardo, pois que a sua disposição interior inclina-os por si mesma ao que a lei prescreve. Não é portanto um fardo para êles: 'A si mesmos servem de lei' (Rom 2,14). Pode-se ainda entender a asserção: 'A lei não foi feita para os justos, mas para os injustos', neste sentido: se todos os homens fôssem justos não haveria nenhuma necessidade de promulgar leis, porque todos teriam em si mesmos sua própria lei. A intenção dos bons deve ser a de orientar seu próximo para a virtude. Se alguns são por si mesmos dispostos a agir virtuosamente, outros o são também mas à condição de serem ajudados e para êstes últimos será suficiente uma advertência paternal, não uma coação" [11].

tir-se-á sem esfôrço, nesta perspetiva, que quanto mais graça, mais liberdade" (M. PONTET, *Santo Agostinho*, Namur, 1958, pp. 21-22).

Isto não quer dizer — é preciso acentuar? — que a vida moral torne-se anárquica. Ela permanece mesmo, se o desejamos, submetida a uma lei; mas a uma "lei nova" que é precisamente a "Lei do Espírito que dá a vida" [12].

Em vez de receber sua regra e sua orientação de fora, o cristão age espontâneamente. Êle não é obrigado como um escravo, sob o

[11] STO. TOMÁS, *Comentário sôbre 1Tim* 1,9.

[12] Rom 8,2. A liberação do jugo da lei e a emancipação da escravidão do pecado são sòmente os aspectos negativos da liberdade paulina. Seu aspecto positivo é pertencer ao Cristo pela fé e pelo batismo, realizando uma translação de propriedade, de tal maneira que as servidões pagãs ou judiciais do neófito, transformam-se, graças ao Espírito Santo, em nobre e voluntária vassalagem: de um lado com respeito ao Senhor da glória: "Tôdas as coisas são vossas... mas vós sois de Cristo" (1Cor 3,22-23, cf. Col 1,18;3,2); de outro lado, ao serviço do próximo: "Porque sendo livre para com todos, tornei-me servo de todos para ganhar ainda mais" (1Cor 9,19). "Vós, irmãos, fôstes chamados à liberdade... Mas servi-vos uns aos outros pela caridade" (Gál 5,13).

"jugo" de uma regra; seu princípio de vida — "motus ab intrinseco" — lhe é imanente, assegurando sua auto-determinação para o bem.

A escravidão de uma moral dos mandamentos — que S. Paulo condena — vem de um dualismo, a saber: o preceito com sua fôrça constrangedora e o homem que lhe é submisso. Mas a partir do dia em que o Espírito Santo habita e inspira o filho de Deus, êste possui em si mesmo seu princípio moral de julgamento, de amor ao bem, de fôrça para realizações virtuosas. Seu dinamismo e sua luz interior permitem-lhe conhecer e fazer a vontade divina, única regra à qual êle deve se ajustar e que o estabelece seguramente na "verdade da vida" [13].

"Deve-se acentuar que os filhos de Deus são movidos pelo Espírito Santo, não como escravos, mas como sêres livres. Pois que

[13] A "veritas vitae" é "uma vida conforme sua regra e seu objetivo, isto é, à lei de Deus que lhe dá retidão" (II-II, q. 109 a, 2, sol. 3). Tôda criatura é verdadeira na medida que ela reproduz a idéia que Deus faz dela, falsa quando a contradiz ou foge a ela. Um homem é verdadeiro quando é inteiramente submetido à vontade de Deus. É um perigoso sofisma substituir, em nossos dias, a mística da sinceridade à esta virtude da verdade, que se impõe a tôda a criatura como uma justiça em face de seu criador e a todo cristão em face de seu Mestre e Senhor. Bem entendido, o discípulo de Jesus Cristo esforçar-se-á por mostrar, em palavras e atos, tal como é: esta intransigente correção é exaltada na Bíblia sob o nome de "simplicidade".

a definição de ser livre é: aquêle que é causa e senhor de seus atos, é preciso concluir que nós agimos livremente quando agimos por nós mesmos por decisão pessoal, ou, dito de outra maneira, pela vontade... Ora, o Espírito Santo, fazendo de nós amigos de Deus, nos inclina a agir de tal maneira que nossa ação seja voluntária. Por conseguinte os verdadeiros filhos de Deus, que somos nós, são conduzidos pelo Espírito Santo em tôda a liberdade, pois que êle nos faz agir por amor e não servilmente pelo temor" [14].

Em outros têrmos, o Espírito Santo dá-nos simultâneamente a vida e a lei da vida, a fonte e a orientação para a plenitude, tanto quanto as razões de escolha, nas múltiplas determinações concretas. Se é preciso ainda uma lei, leis, ai de mim! é que poucos cristãos são inteiramente "animados pelo Espírito", movidos — como se exprime o Doutor Angélico — "pelo instinto da graça". É-lhe preciso o socorro exterior de uma coação. Filhos insuficientemente espirituais, êles não sabem o que se deve fazer e o que evitar; deve-lhes ser precisado, determinado, concretizado. Mas está bem compreendido que êste aspecto legal, jurídico, é um meio certamente carnal, não um fim: "o fim da lei é Cristo" (Rom 10,4).

[14] Sto. Tomás de Aquino, *C. Gent.*, IV 22.

Para S. Paulo, o legalismo procede do período da infância da humanidade: "Mas antes que a fé viesse estávamos encerrados na espetativa daquela fé que havia de ser revelada. A lei pois, foi o nosso pedagogo" (Gál 3,23-24). Até à vinda do Cristo, salvador e libertador, Israel foi submetido a tutores, a curadores, a pedagogos (Gál 4,1-2), isto é, preceptores encarregados de um lado de fornecer ao aluno os primeiros elementos do conhecimento, antes que êle seja capaz de assimilar a doutrina pròpriamente dita, de outro lado, de lhe ensinar gradualmente o uso da liberdade antes da emancipação total da idade adulta.

Isto quer dizer que na vida moral individual, a plena liberdade caracteriza a maturidade, idade onde se é profundamente espiritualizado; os perfeitos, segundo o Apóstolo, são os espirituais plenamente entregues ao Espírito. A predominância dos mandamentos, caracteriza os iniciantes ou carnais: "Quando éramos meninos" (Gál 4,3). As grandes etapas da vida em Cristo definem-se por conseqüências em função da liberdade, primeiro restrita, depois total. O caminho da perfeição é se desembaraçar do domínio das coações exteriores e se tornar independente das tendências inatas que constrangem e envolvem o homem carnal, como um bebê enfaixado.

Esta encantadora imagem será sugerida a Sto. Agostinho pelo Salmo 146,7: "Javé solta os cativos" que a Vulgata traduziu: "Dominus solvit compeditos" e o bispo de Hipona comenta: "Êstes bebês que vós vêdes carregados nos braços de sua mãe não podem ainda andar; êles têm as pernas enleadas. Êstes entraves que herdamos de Adão, o Cristo nos livra dêles" [15].

Compreende-se melhor assim como a graça fortifica, torna sã, perfeita nossa natureza tão atingida pelo pecado original e suas taras. Ela dá nossa verdadeira identidade. Um cristão, digno dêste nome, não considerará a lei de outra maneira senão como uma educadora da liberdade interior, específica dos filhos de Deus; é preciso tornar a dizer com fôrça que êstes não vivem mais sob uma lei,

[15] Sto. Agostinho, *Tratados sôbre o Evangelho de São João*, XLI, 5; P. L., 36, 1695. No sermão XCVIII onde êle comenta as três ressurreições operadas pelo Senhor: a filha de Jairo, o jovem de Naim e Lázaro, nosso autor explica o preceito do Mestre: "Desligai-o e deixai-o ir", como o símbolo da libertação dos laços do pecado, "estas cadeias dolorosas". "Os pecadores sentem horror por si mesmos e decidem-se a mudar de vida; ei-los ressuscitados. Sim, êles revivem pois que detestam sua vida passada; mas, se êles revivem, não podem ainda caminhar. Os laços do pecado estão sempre lá: é preciso, pois, que aquêle que voltou à vida seja desatado e que lhe permitam caminhar. É a missão que o Mestre confiou aos apóstolos quando lhes disse: "Tudo que desligardes na terra será desligado no céu" (Mt 18,18); cf. serm. LXVII, 3).

em um regime, uma economia salutar cujo princípio é uma lei. "Aí está a inovação da Nova Aliança: a promoção à liberdade".

S. Paulo exprimiu por uma comparação jurídica esta evolução pedagógica que separa e une ao mesmo tempo as duas épocas do mundo: antes e depois de Jesus Cristo. Como a mulher é ligada, submetida a seu marido tanto tempo quanto êle vive, mas no dia em que o homem morre ela se acha tão completamente livre da "lei" que a unia e submetia a seu marido, que ela não é mais adúltera tornando-se a mulher de outro... assim o judeu convertido, outro submetido à lei de Moisés, está morto para esta lei, com o Cristo morto e ressuscitado, cessa de estar sujeito a ela, pertence a seu nôvo Senhor que o liberta de sua antiga escravidão, infunde-lhe seu Espírito, concede-lhe de viver livre (Rom 7,1-6). "O homem que tem o Espírito de Deus declara-se livre, não por insubmissão à lei de Deus, mas por inclinação espontânea e habitual, a fazer tudo o que a lei ordena" [16].

[16] Sto. Tomás, *Comentário sôbre 2Cor III*, l. 3. Em sua exegese de Rom 2,14, o mesmo autor distingue quatro categorias de almas segundo sua atitude em face da lei: "Foi dito na primeira Epístola a Timóteo que a lei não foi feita para o justo, isto é, que êle não é levado a agir por uma lei exterior, mas ela é feita para os pecadores que necessitam ser conduzidos exteriormente. Ora o supremo grau da dignidade humana é ser orientada para o bem por si mesmo e não pela pressão de outros. O segundo grau é ser orientada para o bem pelo socorro de um outro homem, mas sem coação. No terceiro grau colocam-se aquêles que têm necessidade de coação para se tornarem bons. No quarto grau estão aquêles que, mesmo por coação, não podem orientar-se para o bem; cf. Jer 2,30: "Em vão castiguei vossos filhos; êles não receberam a lição".

c) *Liberdade filial e amor de Deus*

É preciso ir mais longe e atingir o que a revelação do Cristo e o dom de Deus têm de mais essencial: a liberdade moral e espiritual possui o nosso ser cristão.

A boa notícia que é o Evangelho, é o dom de Deus, é a graça, a qual não é um concurso moral trazido por Deus à nossa liberdade humana para tornar nossos atos merecedores da vida eterna. A graça é a comunicação física da vida divina: Deus nos concebe e nós somos verdadeiramente seus filhos: "Todo o que nasceu de Deus não comete pecado porque a semente de Deus permanece nêle" [17].

Esta concepção, êste renascimento é a obra do Espírito Santo: "Mas quando se manifestou a bondade de Deus, nosso Sal-

[17] Jo 3,9; cf. Jo 3,5: "Quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino de Deus". Tt 3,5: "O batismo da regeneração e renovação do Espírito Santo"; 2Pdr 1,4: "Participantes da natureza divina".

vador, e o seu amor pelos homens, não pelas obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua misericórdia, salvou-nos mediante o batismo da regeneração e da renovação do Espírito Santo que êle difundiu sôbre nós abundantemente por Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados pela sua graça, sejamos herdeiros da vida eterna" (Tt 3,4-7).

É porque nós somos filhos de Deus que somos realmente livres, divinamente livres: "Porque todos aquêles que são movidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Com efeito, não recebestes o espírito de escravidão para estardes novamente com temor, mas recebestes o espírito de adoção mercê do qual clamamos: Abbá, Pai! O mesmo Espírito Santo dá testemunha ao nosso espírito de que somos filhos de Deus (Rom 8,14-16). "Portanto já não és mais servo, mas filho; e se és filho, também és herdeiro de Deus" (Gál 4,4-7).

Não se pode opor mais fortemente moral filial e moral servil. Os filhos amam seu Pai e procuram agradar-lhe. Os escravos temem seus senhores e lhes obedecem coagidos. Num e noutro caso, os atos serão sem dúvida materialmente idênticos, mas o espírito é inteiramente outro, e se é levado a esta última precisão: a liberdade que caracteriza a moral

cristã é positivamente a "liberdade de amar". Estabelecer uma moral filial, expandindo-se em função de um Deus de Amor, é necessàriamente estabelecer uma moral de caridade.

Poder-se-ia já concluir dêste fato que Deus é amor; e que os filhos para imitar seu Pai devem ser animados pelo mesmo amor: "Sêde perfeitos como vosso Pai do céu é perfeito". "Sêde misericordiosos como vosso Pai celeste é misericordioso". Mas S. Paulo depois de ter ensinado que o Espírito Santo nos infunde os pensamentos e os sentimentos de Deus, ensinando-nos a viver como verdadeiros filhos, a pensar como Deus pensa, a amar como Deus ama, a agir como êle age; resumindo: formando-nos uma mentalidade filial e cristã. S. Paulo, dizemos, define esta "vida" ou "lei" do Espírito como uma lei de caridade: "A caridade não faz mal ao próximo. Logo o amor é o complemento da lei" (Rom 13,10). E ainda: "Tôda a lei se encerra nessa palavra: amarás teu próximo como a ti mesmo" (Gál 5,14).

O filho de Deus é todo amor como seu Pai [18] e há algo mais espontâneo que o amor? Qual o ser mais livre, mais inventivo, mais

[18] "Os filhos de Deus sòmente são diferentes dos filhos do diabo pela caridade... Magnífico indício, magnífica separação" (STO. AGOSTINHO, *In 1Jo Tract.*, V, 3, 7, P. L., XXXV, 2016).

audacioso, mais dinâmico que o animado de um amor espiritual e total?

Sto. Agostinho e Sto. Tomás de Aquino exprimiram esta psicologia em fórmulas plenas: "Ama e faze o que quiseres"[19]. "Pela saúde da alma obtém-se a liberdade do julgamento, pela liberdade do julgamento o amor da justiça, pelo amor da justiça a realização da lei"[20]. "Não importa qual ato humano é correto e virtuoso, desde que êle se ajuste à regra divina do amor"[21]. "A lei do temor faz daquêles que lhe estão submetidos, escravos; a lei do amor torna-os livres. Aquêle que age sòmente por temor, age como um escravo; mas aquêle que age por amor, age como um ser livre"[22]. "É o amor de Deus que faz a liberdade dos filhos"[23].

Antes mesmo que Deus prescreva o que êle ordena, isto já é experimentado pelo cristão como uma exigência do amor mesmo que o possui. "O fruto do Espírito é caridade, gôzo, paz, longanimidade, afabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, temperança...

[19] "Dilige, et quod vis fac" (*Ibid.*, VII, 8); "Lex itaque libertatis, lex caritatis est" (*Ep.*, 167, 6, 19), P. L., XXXIII, 740).

[20] *De sp. et litt.*, 52; P. L. XLIV, 233.

[21] Sto. Tomás de Aquino, Op. *de caritate et decem praeceptis*, 2, 1138, ed. R. A. Verardo.

[22] *Ibid.*, I, 1134.

[23] II-II, q. 184, a. 4, ad. 1um; cf.: "Amor caritatis facit libertatem filiorum" (*In Rom.*, VIII, l. 3).

(Gál 5,22), todo o cortejo de virtudes cristãs, expressões variadas de um único amor, o de Deus em nós, porque "a caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rom 5,5). E ainda: "A caridade é paciente, é benéfica; a caridade não é invejosa, nem é temerária, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca seus próprios interêsses, não se irrita, não guarda ressentimento pelo mal sofrido, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade, tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre". Ela é fonte e mãe de tôdas as virtudes.

Sem dúvida, a maneira destas virtudes não é determinada e sente-se bem que a liberdade mais espontânea tem necessidade de ser orientada, em suas realizações concretas. Mas o amor que a inspira tendo por objeto Deus e seu Filho, a "regra" de tôda a virtude será imitar a caridade de Deus tal como ela se refletiu na vida de seu Filho bem-amado. Do mesmo modo o Senhor disse: "dei-vos o exemplo para que, como vos fiz, assim façais vós também" (Jo 13,15), e a moral concreta de S. Paulo foi sempre determinada pela imitação de Cristo (cf. Ef 4,32;5,2,24-26). O Apóstolo realizava êle mesmo o que prescrevia aos fiéis: "Sêde meus imitadores como também o sou de Cristo" (1Cor 11,1; cf. 1Tes 1,6).

A lei nova, porque lei há, é portanto pri-

meiramente a pessoa do Cristo, sua doutrina e sua própria vida, que nos ensina a viver como filhos de Deus. É mais concretamente o Espírito Santo que êle nos envia e nos sugere interiormente a mentalidade e os costumes de filhos de Deus[24].

[24] "Jesus é um legislador, mas não é um legislador como os outros. É um legislador que dá uma lei impraticável ao homem entregue a si mesmo. Sua lei é a lei de um homem nôvo, e como de um outro mundo. É a lei estabelecendo relações que ultrapassam o homem dirigindo-se a Deus, e que ultrapassam o homem ainda quando êle se dirige a outro homem, porque êle não alcança seu semelhante espiritualmente senão através de Deus. E eis porque é preciso que o legislador nôvo, trazendo sua lei, ofereça com ela o meio de cumpri-la. Qual é êste meio? É uma transformação interior, um soerguimento de nossos podêres, um nôvo nascimento...

"É preciso renascer, é preciso ser regenerado no sentido próprio pela água e pelo Espírito, a fim de que, levados ao nível divino, possamos contrair com Deus uma intimidade nova, intimidade que tem conseqüências ilimitadas, porque nos abre um mundo nôvo onde encontramos em reserva as condições do conhecimento perfeito e da perfeita beatitude. É isto que nós chamamos com uma palavra significando "a graça", e sua expansão no mundo eterno é "a glória". Mas a lei? A lei é a mesma coisa quanto ao essencial; dado que a graça nos concede, como disse, uma natureza nova, não é possível que esta nova natureza não tenha como a outra seu dinamismo próprio, seus impulsos, suas tendências. E se nós chamamos "lei natural", o impulso original, que nossa criação forma ao mesmo tempo que nosso ser, lei que é para nós o que são as propriedades para o corpo físico e seus instintos para o animal — com esta diferença que aí se alcança a liberdade, e então a lei de que se fala toma um caráter de obrigação e se propõe em vez de se impor — assim no sobrenatural nós temos uma lei interior que é a lei da Nova Aliança, do nôvo pacto que é um pacto de amor, não de temor como outrora, com tôdas as conseqüências do amor das duas partes: de nossa parte a espontânea fidelidade ao serviço; da parte de Deus a "justificação" neste mundo e a bem-aventurança no outro" (A. D. SERTILLANGES, *La Philosophie des Lois*, Paris, 1946, pp. 117-119).

Esta imanência — que não transige com a nossa autonomia — é o princípio fundamental da liberdade cristã: "Onde está o Espírito do Senhor está a liberdade" (2Cor 3,17). O que S. Tomás de Aquino comenta assim: "Aquêle que age espontâneamente, age livremente. Mas o que recebe o seu impulso de um outro não age livremente. Aquêle, pois, que evita o mal, não porque é um mal, mas em razão de um mandamento do Senhor, não é livre. Em contraposição, o que evita o mal porque é um mal, êste é livre. Ora, isto é o que opera o Espírito Santo, que aperfeiçoa interiormente o nosso espírito, comunicando-lhe um dinamismo nôvo, tão bem que êle se abstém do mal por amor, como se a lei divina lhe ordenasse; e desta maneira êle é livre; não que êle seja submetido à lei divina, mas porque seu dinamismo interior o leva a fazer o que a lei divina prescreve"[25]. Tôda a alma

[25] Comentário sôbre 2Cor 3,17, ed. Marietti, p. 438; cf. I-II, q. 108, a I, ad 2um. Sto. Tomás retoma o mesmo pensamento em *C. Gent.*, 4, 22, que seu comentador Silvestre de Ferrara comenta assim: "Os justos estão sob a lei divina que os obriga sem coagi-los, no que êles observam os preceitos da lei

profundamente espiritual estará de acôrdo com isso, tal como o pastor dirigindo esta oração a Deus: "Senhor do mundo, sabes que se tu tens animais que me darias para guardar, eu que guardo os animais dos outros por um salário, guardaria os teus porque te amo" [26].

Esta doutrina implica tôda uma concepção da vida cristã.

Quando batizados, autênticos filhos de Deus, não têm outra ambição espiritual senão a de não ser punidos. Para êles a obra da fé é "obter sua salvação", mas esta consiste essencialmente em evitar o inferno e subtrair-se aos eventuais castigos da desobediência. Êles não têm a idéia de que Deus possa, desde aqui embaixo, ser amado por êle mesmo, como o soberano Bem e a soberana Beleza. Menores, definitivamente esclerosados antes de atingir a idade da razão espiritual, não adquirirão jamais a maturidade da fé, onde a

de uma maneira plenamente livre e voluntária, e não constrangidos pelo temor do castigo nem pela ordem do superior, como os maus que não observariam a lei se não houvesse o mandamento para obrigá-los e se não temessem ser punidos por havê-lo transgredido" (texto citado por St. Lyonnet, *op. cit.*, p. 21). É preciso lembrar que o Doutor Angélico considera que o pecado não ofende a Deus senão na medida que êle se opõe ao bem do homem: "Nós ofendemos a Deus, com efeito, sòmente na medida em que agimos contra nosso bem... O bem para tôda criatura é que ela atinja seu fim..." (*C. Gent.*, III, 122).

[26] Citada por G. Vajda, *L'amour de Dieu dans la Théologie juive du Moyen Age*, Paris, 1957, p. 161.

alma lúcida e responsável pela sua orientação e sua conduta adere a Deus com amorosa espontaneidade. Êles vivem no temor, como servos; e à falta de dinamismo êles se protegem e se tranqüilizam por sua submissão aos preceitos, mas "é por falta de esqueleto, que certos animais devem se envolver com carapaças" [27]. Ora, o critério da caridade perfeita e portanto da idade adulta do filho de Deus, plenamente livre [28], é estar isento de temor: "Na caridade não há temor; a caridade perfeita lança fora o temor, porque o temor supõe pena; aquêle que teme não é perfeito na caridade" (1Jo 4,18-19).

[27] P. Mersch citado por M. J. Congar: *Si vous êtes mes témoins*, Paris, 1959, p. 440.

[28] A fé do adulto supõe que se começou a interiorizar o Mistério e que se penetrou na realidade que traduzem as fórmulas do dogma. Em conseqüência disso, o fiel adulto se preserva de pôr tudo no mesmo plano no campo das afirmações de sua fé: o reino é mais importante que o inferno, a graça é mais importante que o pecado, o Espírito Santo é mais importante que o papa; o Cristo é mais importante que a Virgem Maria. O que leva a pôr cada aspecto da fé em seu lugar, sem negligenciar nenhum, mas sem se deixar conduzir por seu temperamento, seus entusiasmos intelectuais ou sentimentais, e nem pela proliferação anárquica das devoções" (A. Liégé, *Adultes dans le Christ*, Bruxelles-Paris, 1959, pp. 25-26).

CONCLUSÃO

Julgados no plano da história das religiões como no da evolução da moral, os cristãos caracterizam-se como os sêres mais livres do mundo: "Omnia vestra sunt". — Vós sois os senhores de tudo e em primeiro lugar de vós mesmos. Vós nascestes da Igreja, oposta à Sinagoga que só gerava escravos: "Nós somos os filhos da mulher livre" (Gál 4,31).

Desta liberdade soberana, conhece-se doravante os constituintes e a natureza. Ela é o apanágio de uma moral filial. Só aquêles que têm Deus por Pai, são verdadeiramente livres. Esta liberdade é educada pelo Espírito Santo que nos liberta progressivamente das servidões hereditárias. Aquêles que não compreenderam a obra de libertação espiritual cumprida pelo Cristo, e que continuam a não ver em Deus senão um Mestre e um Juiz, permanecem na escravidão. Do mesmo modo Sto. Agostinho comentará o último pedido do Pai-nosso: "Livra-nos do mal", nestes têrmos: "Pedimos para ser livrados do mal, porque esta liberação nos torna sêres livres, entendamos: filhos de Deus, de tal maneira

que, graças ao espírito de adoção, podemos clamar a Deus: Pai, Pai!"[1].

Esta libertação progressiva é feita pelo culto absoluto da verdade e da luz. E expande-se em amor: a salvação é poder amar livremente e devotar-se sem entraves: "Vós, irmãos, fôstes chamados à liberdade... servi-vos uns aos outros pela caridade"[2]. "A liberdade é uma volúpia. Por isso, enquanto fazes o bem por temor, não te regozijas em Deus. Enquanto ages como escravo, não te regozijas nêle. Que Deus te encante e eis-te livre"[3].

Daí resulta que o cristão digno dêste nome tem, deve ter, como nenhum outro aqui embaixo, o sentido e o orgulho da liberdade. como um cego que revê a luz, como um doen-
Como um antigo escravo liberto da escravidão, te condenado que recobra a saúde... o filho de Deus deve apreciar como o tesouro dos

[1] Sto. Agostinho, *De Sermone in monte*, II-11, 38; P. L., XXXIV, 1285.

[2] Gál 5,13. Se, à origem da humanidade, "a liberdade primordial da vontade era poder não pecar, a última liberdade, muito maior ainda, será não poder pecar" (Sto. Agostinho, *De corr. et gr.*, 12, 33; P. L., XLIV, 936). "Na cidade celeste, a vontade será livre, liberada de todo o mal e cumulada de todo o bem" (*Idem, De civ. Dei*, 30, 3; P. L., XLI, 802). Liberdade que será participação da própria liberdade de Deus, infinitamente livre porque êle é impecável (*ibid.*).

[3] *Idem, Tract. in Jo.*, XLI, 10; P. L., XXXV, 1698.

tesouros esta independência espiritual[4], guardá-la zelosamente, proclamá-la à face de um mundo a serviço das potências das trevas. Contribuirá assim, por sua parte, a restituir a esperança àqueles que sofrem e que morrem.

[4] É o lugar de relembrar Mt 23,8-10: "Mas vós não vos façais chamar mestres, porque um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos. A ninguém chameis pai sôbre a terra, porque um só é vosso Pai, o que está nos céus. Nem façais que vos chamem mestres, porque um só é vosso Mestre, o Cristo". Três designações que são apenas uma, segundo Gên 45,8.

ÍNDICE